



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA DESVALORIZAÇÃO DA
MULHER ENQUANTO ATLETA NOS JOGOS
UNIVERSITÁRIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E ARTES
(JUCS)**

FERNANDA DE MENEZES CASAGRANDE HERDEIRO

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA DESVALORIZAÇÃO DA
MULHER ENQUANTO ATLETA NOS JOGOS
UNIVERSITÁRIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E ARTES
(JUCS)**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

FERNANDA DE MENEZES CASAGRANDE HERDEIRO

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

HERDEIRO, Fernanda de Menezes Casagrande.

A Influência da Mídia na Desvalorização da Mulher enquanto
Atleta nos Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUCS).
Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de
Janeiro – UFRJ.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A Influência da Mídia na Desvalorização da Mulher enquanto Atleta nos Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUCS)**, elaborada por Fernanda de Menezes Casagrande Herdeiro.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profª. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior
Doutor em Ciência da Informação – IBICT/ECO-UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Camila Paula Nascimento Alexandre
Pós-graduada em Futebol e Futsal - UNYLEYA

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Durante a minha trajetória, não teve um dia se quer em que me senti sozinha, mesmo nos momentos em que eu estava, de fato, sem nenhuma companhia presente. A energia daqueles que estão ao meu redor me transmite a sensação de que, independente das minhas escolhas, eles sempre estarão ao meu lado. Esse apoio foi essencial para eu conseguir encerrar esse ciclo e seria egoísmo da minha parte não agradecer aqueles que me ajudaram a encontrar o equilíbrio em meio ao caos.

Primeiro, agradeço aos meus pais, Eliana e Roberto, por terem se esforçado para me proporcionar uma vida privilegiada em que nunca faltou nada e, principalmente, pelo amor incondicional que sempre me deram. Eles me ensinaram a correr atrás dos meus sonhos e o incentivo que recebo por parte deles é o que me faz ter força de vontade para fazer tudo da melhor forma possível.

Também agradeço à minha irmã e melhor amiga, Roberta, por ser a minha cara metade e por todas as vezes que ela contrariou o mundo para estar ao meu lado, mesmo eu estando errada. Ela é a certeza de que eu nunca vou estar só. Não posso me esquecer do meu cachorro, Tobias, que virou noites comigo enquanto eu escrevia esse trabalho e lambia minhas lágrimas quando eu entrava em desespero.

Deixo a minha gratidão para a Pedrina, que trabalha na minha casa há 22 anos e tem um papel de extrema importância em todo o meu desenvolvimento. Agradeço à ela por ter me adotado como neta e ter ajudado na minha criação todas as vezes que meus pais não puderam se fazer presente.

Sou muito grata às minhas amigas de colégio, Camila Milome, Joana Jacobina, Maria Clara Oliveira, Paula Muricy e Tayná Barbieri, por terem me acompanhado em todas as minhas fases e por me mostrarem o real significado de amizade. Às minhas companheiras de ciclo básico, Alice Loureiro, Carol Magalhães, Jéssica Cabede, Juliana Agra, Luíza Bittencourt e Sarah Andrade, por terem me norteado no início da faculdade e aparecerem em momentos importantes mesmo em diferentes habilitações. E às meninas da comissão de formatura, Carol Ana e Júlia Sena, por dividirem o estresse comigo e me incentivarem nesse final tão caótico.

Não sei como retribuir o acolhimento da equipe de futsal feminino da Atlético de Comunicação e Artes da UFRJ, principalmente das jogadoras Beatriz Mesquita, Flávia Guedes, Gabriela Corrêa, Hellen Guimarães, Júlia Parente, Maitê Paes e Renata Devesa,

além da comissão técnica, Camila Casa, Danielle Riga e Bruno Valente. A escolha do meu tema é fruto das conversas e reivindicações desse time, e foi a maneira que eu encontrei de deixar um legado positivo ao encerrar minha participação como atleta. Foi um prazer dividir quadras, conquistas, derrotas, sorrisos e lágrimas com todos eles.

Não posso me esquecer de agradecer à ex-presidente da atlética, Manuella Schorchit, por ter colaborado de forma efetiva para esse trabalho e ter se disponibilizado para tirar todas as minhas dúvidas sobre o tema. Também sou grata à minha amiga, Giulia Allevato, por ter me dado um gás na reta final dessa graduação, e ao meu melhor amigo, Gabriel Alves, por ter contribuído em todo o meu processo de formação e por ter me mostrado que o fim de um relacionamento pode se transformar em uma amizade.

Por último, mas não menos importante, gostaria de mostrar minha gratidão à minha orientadora, Cristiane Costa, que aceitou o desafio de me ajudar em um tema pouco abordado em escala nacional e fez tudo isso se tornar possível. Além disso, também agradeço à professora de Projeto Experimental II, Gabriela Nóra, e à sua monitora, Cibele Pixinine.

HERDEIRO, Fernanda de Menezes Casagrande. **A Influência da Mídia na Desvalorização da Mulher enquanto Atleta nos Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUCS)**. Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

Este trabalho busca associar a invisibilidade das atletas no jornalismo esportivo brasileiro com o comportamento machista presente nos Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUCS). Leva-se em consideração o histórico da mulher no esporte, a desigualdade de gênero no Brasil, a importância do feminismo no âmbito esportivo e, principalmente, a influência da imprensa na sociedade para justificar o cenário retratado por atletas que já participaram dessa competição. O estudo de caso feito com o esporte universitário e os pensamentos teóricos do campo da comunicação serviram como base para essa pesquisa com a intenção de confirmar a influência da mídia na conduta das delegações que disputam os JUCS.

Palavras-chave: jornalismo esportivo; esporte universitário; mulher; feminismo; machismo

SUMÁRIO

1. Introdução

2. A desvalorização feminina no âmbito esportivo

- 2.1. A presença da mulher nos Jogos Olímpicos
- 2.2. Bela, recatada e do lar brasileiro
- 2.3. O feminismo dentro do esporte

3. O retrato da mulher como atleta na imprensa

- 3.1. A sociedade do espetáculo machista
- 3.2. A diferença entre a cobertura feminina e masculina na imprensa
- 3.3. A imprensa como agenda pública
- 3.4. As consequências para as atletas

4. O machismo camuflado no JUCS

- 4.1. Esporte universitário
- 4.2. Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUCS)
- 4.3. O não pertencimento das atletas
- 4.4. Um estudo sobre a Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ

5. Considerações Finais

6. Referências Bibliográficas

7. Apêndices

- 7.1. Apêndice A: Perfil demográfico da pesquisa relacionada ao Agenda Setting
- 7.2. Apêndice B: Consumo de jornalismo da pesquisa relacionada ao Agenda Setting
- 7.3. Apêndice C: Pesquisa relacionada ao Agenda Setting – Você já ouviu alguma
- 7.4. Apêndice D: Perfil demográfico da pesquisa com as atletas dos JUCS
- 7.5. Apêndice E: Pesquisa com as atletas dos JUCS
- 7.6. Apêndice F: Relatos de machismo nos JUCS
- 7.7. Apêndice G: Um estudo sobre a Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ

8. Anexos

8.1. Anexo A

8.2. Anexo B

1. Introdução

A mulher é vista como “sexo frágil” no esporte. Entre torcedores, árbitros, técnicos e atletas, não há dúvidas de que o gênero feminino ainda é minoria. O mesmo acontece no campo da comunicação, em que o jornalismo esportivo também é dominado por homens. A discrepância entre os gêneros no cenário esportivo é maior quando se trata do desenvolvimento de atletas, tanto amadores quanto profissionais. Os incentivos financeiros, a audiência e construção midiática de ídolos comprovam esse desequilíbrio. A falta de representatividade nos veículos jornalísticos é um sintoma da exclusão das mulheres enquanto atletas.

Os meios de comunicação propagam um machismo velado ao não dar a mesma visibilidade às mulheres que os homens. Por isso, o objetivo desse trabalho é apontar qual é o papel da mídia na desvalorização da mulher enquanto atleta nos Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUICS), realizados apenas com atléticas do Rio de Janeiro.

O machismo, apesar de ser muito questionado por atletas, não é levado em consideração pela organização do evento e diretorias das atléticas. Meu objetivo será investigar se o discurso inclusivo é real ou um mero posicionamento de fachada, como sai do plano ideal para o prático, e como lida com acontecimentos mais graves, por ultrapassarem até mesmo os limites legais impostos pela sociedade.

Por três anos, acompanhei a delegação da UFRJ em jogos universitários e presenciei atitudes machistas como comentários sexistas e/ou com conotações sexuais partindo de torcidas adversárias. Enquanto estive em quadra, também testemunhei juízes que apitavam os jogos femininos desmotivados, alegando que os masculinos eram mais emocionantes. O ápice para mim foi quando precisei abandonar um esporte por ter um treinador abusivo, que afirmou “tirar uma casquinha” de suas atletas quando precisava realizar contato físico para demonstrar alguma movimentação.

Percebi que o machismo também está estruturado fora das quadras e se mostra no comportamento da própria delegação, que deixa as arquibancadas vazias durante as modalidades femininas, e da diretoria, que não utiliza foto de mulheres durante a campanha pré-JUICS ao alegar que não há material de audiovisual com qualidade de nós enquanto jogadoras.

Minha experiência com o esporte e as dificuldades enfrentadas ao me inserir nesse contexto machista moveram a minha curiosidade de pesquisar sobre o contraste das

vivências de cada gênero no esporte universitário. Meu envolvimento com a Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ como atleta e como fotógrafa, assim como o meu interesse pelo movimento feminista, também contribuíram para que eu pudesse fazer esta pesquisa com conhecimento aprofundado das relações de força envolvidas, sem esconder meu lugar de fala.

Apesar de tratar apenas dos Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes, o tema mulher e esporte tem grande relevância para a sociedade. Este trabalho é ainda mais significativo quando se descobre que não há muitos estudos sobre o esporte universitário. É importante entender que o mundo mudou e que, na Era Moderna, os direitos iguais já são uma conquista. O esporte deve, portanto, deixar de ser um ambiente que segrega os gêneros.

O primeiro capítulo mostrará a desvalorização feminina no contexto mundial e brasileiro. Em primeiro momento, será traçado um panorama histórico sobre o desenvolvimento dos Jogos Olímpicos desde a Grécia Antiga. A partir dos conhecimentos de Donna Duffy e Gertrud Pfister, será abordado como se deu a participação da figura feminina nesses eventos. A presença da mulher no maior espetáculo esportivo do mundo tem passado por muitas evoluções e todos esses progressos serão apresentados nessa parte. Em seguida, o trabalho focará no cenário brasileiro, com a intenção de mostrar como o gênero feminino conquistou um espaço nesse ambiente, apoiando-se nas pesquisas de Victor Andrade de Melo. Os obstáculos que surgiram na trajetória feminina também serão abordados, como o decreto-lei que proibia as mulheres de praticarem atividades físicas consideradas agressivas por colocar em risco a fertilidade feminina.

A importância do movimento feminista no esporte será discutida com a intenção de mostrar como os conceitos de gênero são marcas socioculturais. A chegada da luta feminina foi um passo essencial para o progresso das mulheres no cenário esportivo, por questionar as hipóteses levantadas pela biologia. No entanto, a baixa adesão das mulheres ao esporte será comprovada com dados da Secretaria Especial do Esporte e do Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

A relação da mídia com o esporte será abordada no segundo capítulo. Com base no conceito de Guy Debord de “sociedade do espetáculo”, vou discutir o papel da imprensa na difusão de eventos esportivos. A representação da mulher enquanto atleta na mídia será questionada a partir de um veículo em especial: o globo.com.

A Teoria do Agendamento, de Maxwell McCombs, será utilizada para analisar como os produtos jornalísticos são responsáveis por escolher quais assuntos estarão na agenda pública e como isso se aplicará no âmbito esportivo. O objetivo principal será compreender se as modalidades femininas são preteridas pela imprensa e, conseqüentemente, ignoradas pela sociedade.

O último capítulo será dedicado ao machismo camuflado no esporte universitário e, para isso, começará contando a trajetória desse novo modelo do meio esportivo em território brasileiro. Como terá um recorte nos JUCS, será necessário entrosar o leitor que nunca esteve presente na competição. Casos de machismo evidentes no regulamento das disputas e no comportamento das delegações serão investigados.

Relatos anônimos de algumas das delegações que já participaram dos JUCS serão coletados numa enquete, com a intenção dar voz aquelas que nunca são ouvidas. Farei um estudo específico da Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ, a partir do mesmo questionário enviado às esportistas de outras cinco atléticas, Atlética ESPM Rio, Atlética de Artes e Comunicação PUC-Rio, Associação Atlética Acadêmica Hélio Alonso, Associação Atlética de Comunicação e Artes UVA Tijuca, e Atlética de Artes e Comunicação Social da UFF. Também será analisada parte da campanha publicitária pré-JUCS para ilustrar a exclusão feminina.

2. A desvalorização feminina no âmbito esportivo

O machismo, impregnado de forma estrutural na nossa sociedade, tem sido discutido de forma ampla nos dias atuais, mas ainda afeta mulheres independentemente de suas escolhas pessoais e profissionais. Simone de Beauvoir, em seus estudos sobre o que denominou de o segundo sexo, mostra que existe uma diferença entre os gêneros tanto economicamente quanto socialmente, pois “o prestígio viril está longe de ser apagado” (BEAUVIOR, 1967, p. 7) e esse contraste ainda permanece na nossa sociedade mesmo anos após a publicação de sua obra.

O comportamento questionado pela autora francesa também pode ser observado no âmbito esportivo, recorte escolhido para este trabalho. Dessa maneira, é possível afirmar que o machismo presente no esporte sofre influência direta dos ideais político-sociais impregnados na população:

O universo esportivo ainda não foi completamente visitado pela mulher, que se encontra refém de pensamentos conservadores e da representação estereotipada de sua imagem como atleta. Podemos compreender ainda o esporte como um campo autônomo, que funciona por meio de suas próprias leis e regras específicas, colocando-o em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes. (BOURDIEU apud FIRMINO; VENTURA, 2015, p. 2)

Apesar de ter passado por pequenas mudanças na atualidade e, com isso, ganhado mais notoriedade dentro do esporte, o movimento feminista luta para acabar com a desigualdade nas quadras. Quando comparado com o masculino, o cenário feminino ainda sai em desvantagem tanto em valores econômicos, como pagamentos, patrocínios e premiações, quanto em questões sociais, como a visibilidade oferecida pela mídia, audiência e torcedores.

Este capítulo irá se apoiar em conhecimentos históricos para entender a atual desvalorização desse gênero nas modalidades esportivas em geral. A intenção é mostrar que acontecimentos como a falta de representatividade na época e até proibições da presença feminina nesses ambientes têm influência direta no desenvolvimento tardio das mulheres nas práticas esportivas, gerando o desmerecimento das mulheres na atualidade quando comparadas às modalidades masculinas.

2.1. A presença da mulher nos Jogos Olímpicos

A desvalorização da mulher no esporte é uma conduta que persiste há séculos no comportamento das mais variadas sociedades, pois “o esporte e a atividade física foram posicionados como empreendimentos masculinos destinados a demonstrar a virilidade dos participantes em um esforço para determinar a dignidade de um homem como provedor, protetor e guerreiro”. (DUFFY, 2011, p. 1384, tradução nossa)¹

Registros históricos da primeira edição do maior evento esportivo mundial comprovam a ausência do gênero feminino tanto como atleta quanto torcedora nas arquibancadas. Segundo COLLI (2004), os Jogos Olímpicos surgiram na Grécia Antiga e têm o seu primeiro registro oficial realizado em 776 a.C., quando foram criados com um sentido religioso por terem a finalidade de saudar os deuses daquela nação.

Aqueles que participavam das disputas eram celebrados como heróis por suas conquistas, criando estereótipos para a figura dos “mortais divinizados” e, dessa maneira, afastando a ideia da mulher como um ser heroico nesse ambiente. “Ao contrário dos homens, não era atribuído à mulher o status de heroína, porque, de acordo com o pensamento da época, o sexo feminino não preenchia os principais requisitos dos heróis olímpicos: tamanho corporal, força física, habilidade e técnicas.” (MIRAGAYA apud FIRMINO; VENTURA, 2015, p. 3)

Além de não poderem participar como atletas, as mulheres casadas não podiam nem mesmo assistir aos jogos conforme as leis da primeira edição dos Jogos, que as excluía das arquibancadas e as proibiam de subir até o Áltis, bosque sagrado localizado em Olímpia. A punição para as que desafiavam as regras era serem arremessadas do rochedo Typeu. (COLLI, 2004, p. 8) Ainda que as mulheres virgens pudessem ser espectadoras, a presença do gênero feminino não era comum, pois acreditava-se que elas atrapalhavam a concentração daqueles que iriam competir. O sucesso dos Jogos foi tão grande que surgiu a ideia de criar um evento esportivo específico para as mulheres, mas com um porte menor.

As Heraeas foram criadas no século VI a.C., em honra à deusa grega Hera, como um evento atlético específico para mulheres [...] Para

¹ No original: *Sport and physical activity were positioned as masculine undertakings designed to demonstrate the virility of the participants in an effort to determine the worthiness of a man as a provider, protector, and warrior.*

competir nos eventos, as mulheres participantes eram obrigadas a se vestir como homens. Curiosamente, homens não podiam assistir às competições das mulheres atletas. No mundo antigo, havia um medo e uma tradicional crença que, se um homem visse uma mulher competir em um evento atlético, o homem poderia perceber a coragem atlética feminina como algo não atrativo, resultando em menos casamentos e, conseqüentemente, diminuir o número de crianças nascidas para exercer valores e crenças gregas. (DUFFY, 2011, p. 1.384, tradução nossa)²

A exclusão da mulher enquanto atleta permaneceu após a reformulação da competição nos Jogos Olímpicos da Idade Contemporânea, que teve a sua estreia em Atenas no ano de 1896. Contudo, não demorou muito para o gênero feminino conquistar um espaço nas disputas e a inclusão das mulheres aconteceu na edição seguinte, em 1900 na cidade de Paris, mesmo muitos se colocando contra essa decisão. (PFISTER, 2000, p. 4) A presença do gênero feminino ainda era muito limitada com apenas 12 atletas inscritas no evento, mas esse contexto foi mudando mesmo que devagar.

Foi somente em 1908, quando os Jogos Olímpicos foram realizados na Inglaterra, berço do esporte moderno, que os esportes femininos alcançaram um crescimento modesto, com as mulheres competindo em quatro modalidades – tênis, vela, patinação no gelo e tiro com arco – todos esportes com alto prestígio social. (PFISTER, 2000, p. 4, tradução nossa)³

O território britânico voltou a ser palco de outra importante conquista para o gênero feminino no esporte quando, mais de um século depois, voltou a sediar as Olimpíadas no ano de 2012. Foi a primeira vez na história do evento esportivo que as mulheres ganharam o direito de disputar todas as modalidades olímpicas, mas receberam 30 medalhas de ouro a menos em comparação com os homens⁴.

² No original: *The Heraea Games were created in the 6th century b.c.e., in honor of the Greek goddess Hera, as an athletic event specifically for women [...] In order to compete in the events, female participants were required to dress like men. Interestingly, males were not allowed to watch the female athletes compete. In the ancient world, there was a fear and long-held belief that if a male watched a female compete in athletic events, the male may perceive the female's athletic prowess as unattractive, resulting in fewer marriages and consequently fewer children born to carry on Greek values and beliefs.*

³ No original: *It was not until 1908, when the Olympic Games were held in England, the birthplace of modern sport, that women's sports achieved a modest upswing, with women competing in four disciplines – tennis, sailing, ice-skating and archery – all of them sports with high social prestige.*

⁴ Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/27/numero-de-mulheres-olimpicas-cresce-mas-performance-ainda-e-10-inferior-aos-homens.htm>> Acesso em: 30/10/2019

2.2. Bela, recatada e do lar brasileiro

No Brasil, o cenário esportivo demorou para abrir às portas para o gênero feminino. Até meados do século XIX, as mulheres brasileiras ainda estavam destinadas a um futuro monótono que consistia apenas em funções maternas e ligadas ao lar, dificultando a participação social feminina e o acesso a ambientes públicos, principalmente às atividades ligadas ao lazer (ANDRADE DE MELO, 2007, p. 130).

Por estarem designadas às tarefas de uma dona de casa, muitas mulheres recebiam uma educação mais básica que a masculina e, na maioria das vezes, não ganhavam nem a oportunidade de serem alfabetizadas. Dessa maneira, o gênero feminino se tornara dependente e submisso aos homens, que eram responsáveis pela herança econômica e cultural da família.

Nos estudos sobre a ascensão da mulher no esporte carioca, território escolhido como base de pesquisa para este trabalho, Andrade de Melo explica que uma onda de ideais feministas vinda da Europa colaborou para a inclusão de torcedoras em ambientes esportivos por volta de 1889. Apesar disso, a presença das mulheres nesses espaços começou com um papel coadjuvante com a intenção de fortalecer a imagem da família tradicional brasileira. Vistas como meras acompanhantes de seus pais ou maridos, elas traziam sofisticação aos hipódromos, palco principal dos eventos esportivos na época:

Não se pode desconsiderar que a presença feminina nos prados era também concebida como mais uma forma de apresentar as mulheres à “nata da sociedade”, tornando-as conhecidas de algum “bom partido”, predispondo-las a um bom matrimônio. (ANDRADE DE MELO, 2007, p. 131)

A chegada da mulher às ruas e sua atuação como atleta acontecem em um momento mais oportuno no final do século XIX, pois há uma preocupação maior com a higiene e a aparência física, relacionando diretamente o conceito de saúde com ginástica, esporte e outras atividades ao ar livre. No início, assim como foi para os homens, o acesso ao esporte ainda era restrito à elite por ser uma prática originalmente estrangeira e só se popularizou depois. O estigma social da mulher acaba mudando “da opulência e palidez de meados do século para um tipo mais esbelto e mais saudável de beleza, menos gorducho, mais esportivo” (WEBER apud ANDRADE DE MELO, 2007, p. 133).

Mesmo assim, algumas modalidades não eram recomendadas para a prática feminina, pois especialistas pregavam que tais exercícios poderiam colocar em risco a integridade das mulheres. Com base em características biológicas e diferenças entre os corpos feminino e masculino, eles justificavam que a realização de atividades físicas mais agressivas poderia afetar o funcionamento de seus órgãos genitais e, conseqüentemente, atrapalhar em sua função materna:

À mulher caberia, entre outras obrigações, contribuir de forma decisiva com o fortalecimento da nação e o depuramento da raça gerando filhos saudáveis, algo que, pensava-se, só seria alcançado se a mulher preservasse sua própria saúde. Se esta condição não excluía a prática de esportes, é certo que nem todo esporte a ela se adequava. (FRANZINI, 2005, p. 321)

Esse pensamento foi sustentado durante um longo período e deixou de ser uma sanção social ao se transformar em uma proibição legal. Em 1941, o Decreto-lei 3.199, artigo 54 declarava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (MANHÃES apud FRANZINI, 2005, p. 322).

A partir desse contexto, uma crítica feminista surge para questionar a ligação de algumas práticas esportivas com o estereótipo da mulher vista como um ser mais delicado e pelo o que era dito como ideal de feminilidade na época. “Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza” (GOELLNER, 2007, p. 185).

A associação entre a proibição de modalidades femininas e as características atribuídas às mulheres não ocorre apenas dentro do esporte profissional. Embora esteja sendo cada vez menos alimentado, o estigma continua existindo e pode ser observado inclusive na infância, um dos momentos mais importantes da prática esportiva para desenvolver a coordenação motora:

No momento de introdução dos esportes na educação física escolar brasileira, as meninas foram tidas como seres frágeis e dóceis, e os meninos dotados de força, dominação e poder, marcas que reiteram a diferença de gênero. A construção das imagens de feminilidade aparece inserida na educação física em diferentes espaços e tempos, formas e estratégias diversas. Tais imagens fazem parte de um contexto sócio-

cultural para o qual os papéis masculinos e femininos estão designados. (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 6)

Os estigmas não nascem com a mulher, mas são estabelecidos pela própria sociedade ao seguir padrões estéticos baseados em fatores biológicos. A diferença entre os gêneros é representada, principalmente, pelos respectivos órgãos genitais, mas essa concepção não é percebida de forma natural. Ou seja, esses ideais são impostos desde a infância e quebram a pureza e ingenuidade das crianças, que só são capazes de reproduzir esse tipo discurso quando influenciadas por um adulto.

Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo [...] Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada. (BEAUVIOR, 1967, p. 9)

Não é só as diferenças biológicas que estimulam esse pensamento. As crianças também ficam expostas a estereótipos de comportamento, que integram o conceito de feminilidade. A introdução a essa concepção é feita de forma precoce, pois a infância se baseia no conceito de repetição dos atos daqueles com quem convivem e, portanto, se sobressai os valores morais e éticos da cultura em que a criança está inserida.

A passividade que caracterizará essencialmente a mulher 'feminina' é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVIOR, 1967, p. 21)

O comportamento da sociedade e as consequências da lei criada na Era Vargas afetaram negativamente o desenvolvimento das modalidades femininas. Por praticamente três décadas, essas mulheres deixaram de frequentar esses locais, perderam os investimentos e patrocinadores, e, muitas vezes, ficaram sem o direito de competir. Ainda

que muitas não tenham parado de praticar esportes de maneira amadora durante esse tempo, as atletas só começaram a ganhar apoio de fato depois que o Conselho Nacional dos Desportos (CND) voltou atrás sobre o Decreto-Lei durante a Ditadura Militar, governo que investiu no esporte para buscar legitimação da população. (GOELLNER, 2009, p. 280)

A partir de então, o esporte se tornou uma peça importante para o movimento feminista e, apesar de continuar sendo um ambiente machista, foi palco de grandes conquistas para o gênero feminino. Essas vitórias acontecem, porque “as mulheres, pelas condições de trabalho que vêm sendo submetidas no mercado de trabalho contemporâneo, podem se beneficiar com o esporte, de maneira a romper barreiras de exclusão social e atingir novos padrões de qualidade de vida”. (HILLEBRAND, 2007, p. 12)

2.3. O feminismo dentro do esporte

Para começar a falar sobre a importância do feminismo dentro do âmbito esportivo, é importante entender que existe uma relação entre o corpo e aquilo que é entendido como gênero pela sociedade. Culturalmente, define-se o conceito de masculino e feminino de acordo com características, comportamentos e papéis diretamente atribuídos aos respectivos gêneros, ressaltando ideais como o da feminilidade. É de grande relevância compreender que:

O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, sendo fundado nas diferenças percebidas entre os sexos, comportando como primeiro significado as relações de poder. É no campo social que se constroem e se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação e não nas diferenças biológicas (SCOTT apud FURLAN; SANTOS, 2008, p. 31)

No esporte, não é diferente e os estereótipos definidos pela sociedade acabam influenciando em muitas condutas presentes nessa esfera! Desde a proibição da prática de modalidades agressivas por mulheres com a intenção de preservar a delicadeza feminina no passado, até masculinizar as atletas por terem uma aparência física mais musculosa do que é visto como normal para mulheres nos dias atuais. A perda das características que

definem a feminilidade gera estranheza em uma sociedade que tem o machismo entranhado em seus ideais.

Os estereótipos pré-estabelecidos culturalmente acabam elegendo um padrão estético e se tornam responsáveis pela criação de concepções comportamentais de qualquer estilo que foge do que é definido como o protótipo da aparência física. Simplificando, muitas “garotas que se aproximam desta prática se distanciam de um ideal de corpo feminino, sendo muitas vezes questionadas sobre sua sexualidade”. (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 39)

O feminismo se instala no esporte brasileiro por meio desse contexto ao indagar essa imposição de padrões estéticos e comportamentais, além de introduzir a categoria gênero como um método analítico na pesquisa historiográfica no cenário esportivo. “Evidenciou-se que a naturalizada aceitação do esporte como um campo de ‘reserva masculina’ justifica-se não pela distinta biologia dos corpos de homens e mulheres, mas por aspectos sociais, culturais e históricos.” (GOELLNER, 2013, p. 48)

Pode-se conceituar o movimento como recente ao levar em consideração que essas mudanças começaram a acontecer do meio para o final do século XX no Brasil, ou seja, há menos de 50 anos. Mesmo assim, pesquisas já mostram uma diferença nos dados que medem a participação da mulher enquanto atleta em jogos oficiais.

No site oficial do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), há um levantamento realizado pela própria instituição com números referentes à quantidade de atletas que atuaram pelo Brasil a partir dos jogos de 1920, separando-os pelo gênero. A delegação brasileira só contou com a presença de atletas mulheres na décima edição das Olimpíadas (1932) quando levou uma única representante do gênero feminino.⁵

O quórum chegou a aumentar e, em 1948, onze atletas mulheres jogaram pelo Brasil nos jogos de Londres. Porém, depois disso, há um declínio na participação feminina, voltando a ter apenas uma atleta em três Olimpíadas consecutivas (1956, 1960 e 1964). Isso é um reflexo do contexto político-social vivido no país naquele momento.

Pelos anos em que essa redução acontece, é possível associar a ausência de mulheres brasileiras no maior evento esportivo do mundo ao baixo incentivo de órgãos governamentais, à sanção legal que as proibiam de praticar certas modalidades e ao

⁵ Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/resultados>> Acesso em: 29/09/2019

conceito de gênero impregnado na sociedade, marcas machistas que assombraram o esporte brasileiro nesse período.

Por outro lado, há um aumento em mais de 100% na quantidade de atletas femininas da 21ª edição (1976) para a 22ª (1980), época em que o feminismo começou a questionar o vínculo do corpo com o gênero (GOELLNER, 2007, p. 182) e também em que o Decreto-Lei foi revogado. (TELLES, 2017, p. 25)

É inegável que houve uma mudança significativa na virada para o século XXI. Em 2000, por exemplo, as mulheres brasileiras eram mais de 40% da delegação pela primeira vez na história e, na edição seguinte (2004), somavam quase metade da delegação com aproximadamente 49,4% de representatividade, menor diferença desde então. Contudo, o quórum brasileiro feminino nunca conseguiu igualar ou ultrapassar o masculino em uma Olimpíada e não é preciso ir tão longe para encontrar um cenário parecido dentro do esporte amador no país.

A Secretaria Especial do Esporte divulgou uma pesquisa realizada pelo IBGE para o ano de 2013 com a intenção de traçar o perfil de quem faz exercícios físicos. O estudo revela que há um número maior de meninos que começam a praticar esporte na infância do que meninas. Além de ser um esboço do que ocorre nos Jogos Olímpicos, o fato de que a maior adesão dos homens ao esporte é feita na infância (0 a 10 anos) enquanto a das mulheres, na pré-adolescência (11 a 14 anos) pode explicar o atraso do desenvolvimento feminino no esporte em aspectos cognitivos.⁶

A falta de experiências motoras adequadas nessa fase pode comprometer o desenvolvimento posterior da criança, não somente em termos motores (Ahnert & Schneider, 2007; Barnett, Beurden, Morgan, Brooks, & Beard, 2009; Stork & Sanders, 2008; Williams et al., 2008) como também cognitivos, afetivos e sociais (Busseri et al., 2006; Sibley & Etnier, 2003; Stork & Sanders, 2008; Wolfe & Bell, 2007). Portanto, essa etapa pode ser considerada importante tanto para a geração de futuros atletas como para a formação de cidadãos que utilizam o esporte/atividade física apenas como ferramenta de educação, integração social, lazer, entretenimento e promoção da saúde (Barnett et al., 2009; Stodden et al., 2008; World Health Organization, 2005) (NICOLAI RÉ, 2011, p. 57)

Essa mesma pesquisa analisa o abandono da prática, separando aqueles que optaram por parar o exercício por gênero e idade que tinham quando tomaram essa decisão. Além disso, o estudo averigua o que motivou essa desistência e, novamente, é possível observar

⁶ Disponível em: < <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html> > Acessado em: 30/09/2019

uma diferença entre os gêneros que acaba sendo um reflexo do machismo no âmbito esportivo.

Mais de 80% das mulheres que se abdicaram dos exercícios pararam até completarem 24 anos, enquanto a taxa masculina para essa mesma faixa etária fica em 62,6%. Já o que mais provoca esse abandono é a falta de tempo para ambos os gêneros, chegando a 58,5% entre as mulheres e 59,1% entre os homens. Entretanto, o segundo motivo mais levantado pelo gênero feminino na pesquisa foi o desinteresse, desmotivação e desânimo com 13,2%, porcentagem que para os homens fica em apenas 1,6.

Atualmente, o movimento feminista tem um poder de influência maior, por isso age de uma maneira mais invasiva no âmbito esportivo. Além de ser uma bandeira levantada com frequência pelas próprias atletas, o feminismo motivou a criação de instituições que lutam por melhorias na trajetória das mulheres e equidade entre os gêneros.

Um fator importante para essa evolução foi a expansão da internet, que permitiu unir as mulheres que defendem a mesma causa, independente das suas nacionalidades e localizações. Foi assim que nasceu o *Go Equal*, campanha da ONU Mulheres que busca pela igualdade de gêneros dentro do esporte e que ganhou notoriedade durante a Copa do Mundo feminina de 2019. A entidade internacional nomeou a jogadora Marta Silva como embaixadora em 2018 e, um ano depois, ela se tornou o principal símbolo dessa luta ao ser madrinha do movimento.

A escolha por Marta tem a ver com o fato dela ter sido a mulher que mais venceu o prêmio de melhor jogadora do mundo, mas também com o fato dela não ter aceitado ser patrocinada por nenhuma marca durante o mundial de futebol. Essa escolha se deu pelas condições propostas pelas empresas interessadas, que não se comparavam às ofertas que costumavam ser apresentadas para atletas das modalidades masculinas. Mesmo com dados estatísticos mais favoráveis do que os de muitos homens, Marta percebeu que a sua dedicação era menos valorizada e que o seu gênero era responsável por isso.

Assim, a atleta entrou em campo usando chuteiras que, no lugar das logomarcas, tinham o símbolo do *Go Equal* estampado e revolucionou o esporte feminino ao fazer um tipo de reivindicação em uma das maiores competições do mundo.⁷ Contudo, a imagem da jogadora quase foi prejudicada, porque muitos espectadores interpretaram essa atitude

⁷ Disponível em: < <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/em-copa-marcada-pela-luta-contra-a-discriminacao-marta-sobe-tom-ao-pedir-por-igualdade.ghtml>> Acessado em: 06 de novembro de 2019

como um protesto sócio-político, ato que não é bem visto até mesmo por entidades da STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva).⁸

Mesmo com o avanço dessa luta, a desigualdade entre os gêneros ainda domina o âmbito esportivo. Por que essa diferença continua se perpetuando se já não existem proibições legais e as modalidades se expandiram com o feminismo? Por que as modalidades femininas não têm tanta audiência e visibilidade quanto as masculinas se “é evidente que não vivemos mais nos tempos em que há divisão de papéis masculino e feminino. Vivemos em tempos em que, cada vez mais, mulheres atingem cargos ou posições originariamente masculinas, sem com isso diminuir sua feminilidade”? (SIMÕES, 2003, p. 23)

⁸ Disponível em: < <https://tudo-sobre.estadao.com.br/stjd-superior-tribunal-de-justica-desportiva>> Acesso em: 06 de novembro de 2019

3. O retrato da mulher como atleta na imprensa

O questionamento que encerra o capítulo anterior é difícil de ser respondido por abranger vertentes de diferentes campos profissionais como comunicação, psicologia, educação física, ciências sociais e entre outros. Contudo, este trabalho busca algumas respostas relacionadas ao papel da imprensa na desvalorização da mulher enquanto atleta. Para isso, será necessário se apoiar em pensamentos teóricos ligados ao campo da comunicação como o conceito de sociedade do espetáculo de Guy Debord e a teoria do agendamento de Maxwell McCombs.

Antes de fazer essa reflexão, é importante entender que a mídia teve uma atuação essencial para o crescimento do esporte, que, por sua vez, passou a ter um certo domínio sobre a população ao adquirir um nível elevado de admiração e reconhecimento dos torcedores. A imprensa proporcionou essa conquista ao transformar os personagens principais desse espaço em pessoas públicas. Dessa maneira, torna-se possível afirmar que:

É inquestionável a visibilidade que o esporte, nas suas diferentes dimensões, tem na cultura contemporânea. Tornou-se um território de exposição de corpos femininos e masculinos que, ao exibirem-se e serem exibidos, educam outros corpos. Educam a consumir produtos e serviços, ideias e representações (de saúde, sensualidade, beleza, sucesso, etc.), a desfilarem marcas, a padronizar gestos, a comercializarem-se, a fabricar imagens heroicas, a expressar emoções, a superar limites, a criar necessidades e também a vencer o próprio corpo como um dos produtos de uma sociedade que valoriza o espetáculo, o consumo, a estética, a juventude e a produtividade. Educam, também, masculinidades e feminilidades. (GOELLNER, 2007, p. 189)

As coberturas jornalísticas, meio responsável por trazer grande parte dessa visibilidade para o espetáculo ao transmiti-lo à sociedade, fortalece a ausência das modalidades femininas por priorizar às masculinas, colocando-as em posição de destaque nos principais noticiários. Ou seja, as manchetes do jornalismo esportivo têm uma maioria esmagadora de conteúdos sobre categorias masculinas. Além da invisibilidade, a forma como as mulheres são retratadas quando noticiadas incentiva o ideal de feminilidade e seu vínculo com o âmbito esportivo.

É comum observarmos na mídia diversas representações estereotipadas sobre a mulher-atleta: em algumas, ela se torna refém de sua própria

condição física e se destaca pela beleza – como musa – em outras aparece apenas como reflexo de seus sentimentos e do descontrole emocional caracterizado como tipicamente feminino – explicado, inclusive, por fatores biológicos. (FIRMINO; VENTURA, 2015, p.6)

3.1. A sociedade do espetáculo machista

A importância da imprensa na história do esporte pode ser explicada pela definição de sociedade do espetáculo, pensamento teórico de Debord. Segundo o escritor francês, espetáculo é “uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (DEBORD, 2003, p. 9), conceito que engloba a prática jornalística e, conseqüentemente, a cobertura e transmissões de eventos esportivos.

Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORD, 2003, p. 9)

A primeira publicação dessa análise aconteceu na década de 1960, época em que as televisões estavam em ascensão, e deu um novo significado à comunicação de massa, feita por meio de imagens dali em diante. Apesar disso, o texto de Debord não aborda os efeitos do *mass media* em si e foca no cunho político em que se baseia, mostrando o conflito entre as classes ao definir o espetáculo como uma forma de controle da burguesia sobre o proletariado, pois “ela define o programa de uma classe dirigente e preside sua constituição” (DEBORD, 2003, p. 31).

O pensamento cria um vínculo com o capitalismo por ver aquilo que denominou de fetichismo da mercadoria como agente ilusionista. “O consumidor real toma-se um consumidor de ilusões. A mercadoria é esta ilusão efetivamente real, e o espetáculo a sua manifestação geral.” (DEBORD, 2003, p. 27) Sem contar que os espetáculos se tornaram palco para a divulgação de marcas que, além de se inserirem nos intervalos no formato de publicidade, criaram estratégias de marketing para assinalar sua presença. No caso do

esporte, as identidades visuais dos patrocinadores podem ser vistas nos uniformes dos jogadores, ao redor da área estabelecida para a prática da modalidade e nas arquibancadas.

A principal crítica defendida pelo escritor está nessa alienação provocada pela espetacularização midiática, que leva a sociedade a um estado de dispersão provocado propositalmente para camuflar, mesmo que momentaneamente, a vida real e acaba servindo de muleta para essas grandes marcas conquistarem novos consumidores:

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. (DEBORD, 2003, p. 19)

A democratização do acesso ao espetáculo no Brasil acontece com a popularização da televisão durante a Ditadura Militar, que também foi uma fase marcada pelo incentivo ao meio esportivo e contou com a primeira transmissão ao vivo da Copa do Mundo em 1970, no México (LOURENÇO, 2011, p. 4). Dessa forma, o esporte passa a ser comercializado e consumido como espetáculo a ponto de alterar seus objetivos e conduta perante à sociedade, que passa a ser vista apenas como uma engrenagem do sistema capitalista.

Atualmente, a população tende a estar ainda mais alheia por se encontrar sob os efeitos do espetáculo constantemente, pois os *smartphones* permitem uma conexão instantânea com a internet sem fio e em, praticamente, qualquer lugar. Contudo, o crescimento da *web* também transformou as redes sociais em concorrência dos veículos de comunicação, incluindo materiais jornalísticos, e abriu novos nichos para os comunicadores. Isso acontece, porque ficou mais fácil se tornar um produtor de conteúdo e alcançar o público, ainda que muito do que é compartilhado não tenha credibilidade.

A cobertura e a transmissão de esportes, por sua vez, se tornaram mais democráticas com conteúdos mais diversificados, mas ainda são dominadas pela imprensa tradicional. O jornalismo teve que se adaptar ao novo cenário e ganhou um novo formato com avanço tecnológico ao combinar conteúdos diversificados como vídeo, gráfico, áudio, texto, imagem e outros, que intensificam a espetacularização ao torná-la ainda mais real para os espectadores. Entretanto, a ideologia e as suas consequências na sociedade ainda são fatores centrais nas discussões teóricas sobre comunicação.

3.2. A diferença entre a cobertura feminina e masculina na imprensa

Após compreender como o esporte se encaixa na sociedade do espetáculo e qual o papel da imprensa em sua difusão, é importante retomar a reflexão provocada pela representação da mulher enquanto atleta na mídia. Para isso, um estudo de caso foi feito com as principais manchetes do site do Globo Esporte, hospedado no Globo.com, com a intenção de comparar a visibilidade dada às modalidades femininas e masculinas. Antes de apresentar o resultado, algumas informações sobre a realização da pesquisa são essenciais para compreendê-la.

A escolha do veículo foi feita depois de um questionário, respondido por 146 pessoas que já frequentaram os Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUCS), em que mais de 80% dos entrevistados afirmaram consumir reportagens e transmissões do esporte profissional. A pesquisa também revelou que ao menos 74% dos que responderam a enquete utilizam a internet como principal meio de comunicação para se informar e o Globo Esporte, dentro do Globo.com, foi o veículo mais citado ao alcançar uma taxa de 75,3%, superando o segundo colocado com mais de dez pontos de diferença.

O estudo foi feito do dia 7 a 17 de outubro de 2019 de forma ininterrupta durante esses dez dias e observou apenas as matérias categorizadas como esporte ao serem diferenciadas pela cor verde presente no título. Além disso, é importante frisar que apenas as principais manchetes do site Globo.com foram analisadas, ignorando as reportagens que ficam na parte inferior do portal, pois o foco do estudo está no posicionamento de destaque oferecido à reportagem que, normalmente, segue um padrão estabelecido por critérios de noticiabilidade.

Por ser um veículo *online*, a primeira página sofre alterações constantes durante o dia e foi necessário estabelecer um horário para a produção da análise com a intenção de padronizá-la. O turno da noite foi escolhido com a intenção de chegar o mais próximo da última atualização realizada na página principal e, como o futebol tem a tradição de ser transmitido pela noite às quartas-feiras, a pesquisa se concentra das 23 horas até meia-noite.

As notícias que informam sobre categorias esportivas femininas serão analisadas de uma maneira mais profunda com a intenção de esboçar a representação da mulher sob a ótica da imprensa. Para tal, os títulos serão separados em quatro fatores de acordo com a

conotação dos conteúdos: conquistas, derrotas, vida pessoal e assuntos ligados à feminilidade.

Em dez dias, 68 títulos ganharam a notoriedade do produto jornalístico ao serem colocados na capa do site e, entre eles, apenas dois faziam referência às modalidades femininas, representando menos do que 3% do total. Ambos noticiavam sobre os resultados do mundial de ginástica artística e relatavam a conquista de duas atletas diferentes, uma ginasta brasileira e a outra, americana. Ainda que os títulos das reportagens não reforçavam o estigma da feminilidade, os números e a baixa representatividade escancaram a desigualdade entre os gêneros e, assim, a (falta de) cobertura jornalística fortalece o machismo no âmbito esportivo.

Também foi possível notar que futebol de campo, além de ser o esporte mais praticado pela população brasileira conforme a pesquisa já referida da Secretaria Especial do Esporte, também é a modalidade mais noticiada pelo meio de comunicação estudado, sendo tema de 63 reportagens dos mais diversos campeonatos tanto nacionais quanto internacionais, totalizando 92,6% dos conteúdos. Das cinco matérias que não trazem o futebol de campo como assunto principal, duas se referiam à equipe brasileira masculina de ginástica artística e uma abordava sobre a competição mundial de surf, além das duas matérias que discutem os resultados da ginástica artística feminina. As manchetes que serviram como base para o estudo de caso estão disponíveis no ANEXO A.

O descaso com o esporte feminino é um comportamento marcante da prática jornalística, principalmente quando se trata do futebol de campo, que foi uma das práticas que foram proibidas para as mulheres. Após ser legalizada, essa modalidade passou a ter uma cobertura midiática com um tom satírico. “Se referia às falhas e à falta de técnica das frágeis jogadoras que compensavam o espetáculo com as gargalhadas que ecoavam por parte dos espectadores” (FOLHA DA MANHÃ apud MAROLO et al., 2012, p.3). Além disso, as mulheres também enfrentaram sanções no estádio até em partidas masculinas, pois “podiam assistir aos jogos, porém em lugares separados”. (MAROLO et al., 2012, p.3)

A atitude da imprensa não mudou e, apesar de ter diminuído o deboche, continua alimentando a exclusão do gênero feminino no âmbito esportivo. Informações sobre uma rodada comum da série B do Brasileirão masculino, principal competição nacional, permaneceram nos destaques do veículo até o momento da análise, enquanto a vitória da

seleção feminina sobre a Polônia em um amistoso, realizado no dia oito de outubro de 2019, não estava nas manchetes ao final do dia.

Expandindo essa observação para o segundo canal mais utilizado pelos entrevistados, a televisão, esbarramos no mesmo problema. A tradição de rever os gols marcados em dias de jogos só oferece visibilidade aos homens, enquanto a liga feminina é preterida nesse tipo de material com exceção das partidas com grande relevância. O ano de 2019 foi marcado pela primeira transmissão ao vivo da Copa do Mundo feminina na TV Globo, emissora com uma das maiores audiências da televisão brasileira.⁹

A escolha do que será transmitido, publicado ou até mesmo exposto nas manchetes é resultado dos critérios de noticiabilidade, concepção que “surge diante da constatação prática de que não há espaço nos veículos informativos para a publicação ou veiculação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia” (SILVA, 2005, p. 97) na época de ascensão dos impressos, que tinham o número de páginas contabilizado. Esse processo enumera as razões pelas quais um conteúdo deve se sobressair mais que o outro, compreendendo essas ponderações

como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (SILVA, 2005, p. 96)

Os conteúdos são filtrados em duas etapas principais, sendo a primeira delas a seleção de quais informações serão publicadas para, a partir de então, começar a nivelar as notícias, dando-as pesos de importância diferentes com uma justificativa estabelecida pelo próprio produto jornalístico.

Será preciso escolher novamente quais deles merecem entrar nas chamadas dos telejornais ou quais ganharão as primeiras páginas dos impressos, ou mesmo quais ocuparão mais espaço nas páginas internas. A seleção, portanto, se estende redação adentro, quando é preciso não apenas escolher, mas hierarquizar. (SILVA, 2005, p. 98)

⁹ Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/10/pela-1a-vez-na-historia-globo-transmitira-selecao-feminina-na-copa/>> Acesso em: 31/10/2019

As motivações utilizadas para auxiliar no último passo dessa escolha são conhecidas como linhas-guias e se baseiam em critérios distintos dos que são usados para a primeira triagem. A classificação hierárquica levará em consideração, principalmente, a linha editorial como o *layout* do site, ou a qualidade das imagens, mas também poderá seguir uma linha ideológica.

Essas convicções podem ser estabelecidas pelo próprio jornalista de acordo com a teoria do gatekeeper, criada por David Manning White. “A conclusão de White é que o processo de seleção é subjetivo e arbitrário” ao ser uma consequência de fatores como experiências pessoais. (TRAQUINA, 2005, p. 150) Contudo, essa seleção também pode sofrer influência da ideologia imposta pela própria instituição como afirma Warren Breed no estudo que resultou na teoria organizacional.

Breed sublinha a importância dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade profissional do jornalista e considera que o jornalista se conforma mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela tivesse trazido consigo. (TRAQUINA, 2005, p. 152)

Apesar de uma teoria refutar a outra, é possível afirmar que, de fato, existe uma seleção e que o responsável por ela, seja o profissional ou a corporação, escolhe as notícias de acordo com a sua vontade e/ou objetivos. Ao considerar que “a demarcação do conceito de valores-notícia se dá, então, dentro da larga compreensão de que a notícia é uma construção social”, é possível afirmar que os critérios “não são simples marcas de seleção, mas, mais importante, são marcas de representações” (SILVA, 2005, p. 100) de uma ideologia.

A atuação falha do jornalismo esportivo na cobertura de categorias do gênero feminino acentua a desvalorização da mulher enquanto atleta e pode se tornar um agente influenciador para o desinteresse da população perante a materiais com essa temática, intensificando ideais machistas. O controle da imprensa sobre a sociedade está além do fato dela favorecer a alienação conforme apresentado no conceito teórico desenvolvido por Debord. A mídia também executa o papel de agenda ao induzir os espectadores a pensarem nos assuntos que ela abordou e, com efeitos a longo prazo, podem, até mesmo, impor opiniões e comportamentos baseados em valores ideológicos que lhe interessam. Ou seja, acredita-se que a população é pautada pela imprensa e não, ao contrário como muitos acreditavam.

3.3. A imprensa como agenda pública

A perspectiva que coloca a imprensa como influenciadora da agenda pública foi nomeada como Teoria do Agendamento pelo comunicólogo McCombs após o estudo de Chapel Hill, que questionou qual era o assunto mais importante para eleitores indecisos nos Estados Unidos da América durante as eleições presidenciais de 1968. A associação às reportagens dos noticiários com as respostas dos entrevistados foi feita a partir de uma análise de conteúdo dos principais produtos jornalísticos do país e concluiu que:

ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados os mais importantes pelo público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda pública de forma que ele se torna o foco da atenção e do pensamento do público – e, possivelmente, ação – é o estágio inicial na formação da opinião pública. (MCCOMBS, 2009, p.18)

Há profissionais da área que negam essa manipulação, justificando que a imprensa e a população pensam sobre os mesmos assuntos por viverem a mesma realidade como se a mídia fosse um reflexo do real. A teoria do espelho defende isso ao acreditar que “o seu produto é apresentado como sendo uma transmissão não expurgada da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 146), mas a verdade é inalcançável e as notícias ajudam a construir a própria realidade, inviabilizando a existência de um simples reflexo do real. O conceito de pseudoambiente, introduzido por Walter Lippmann, também refuta a Teoria do Espelho ao pregar que existe um outro universo na nossa consciência em que as imagens presentes nele não correspondem à realidade de fato. (MCCOMBS, 2009, p. 44)

O fenômeno da teoria da agenda ocorre independentemente do meio utilizado para se informar, ou seja, tanto a televisão quanto os impressos e sites têm participação na criação dessa agenda por selecionarem aquilo que será transmitido à sociedade. Apesar disso, o efeito alcançado pelo televisor não é tão potente quanto o dos outros veículos por não ter uma diferença visual tão aparente entre os conteúdos como tamanho, fonte e cor desiguais. Sendo assim, todas as matérias mencionadas no principal noticiário do dia são igualmente relevantes. (MCCOMBS, 2009, p. 18)

Os produtos jornalísticos inseridos na internet não têm a necessidade de filtrar as informações que serão publicadas por falta de espaço, o que acaba elevando o número de

notícias presentes no site. Ainda assim, é fundamental que haja uma triagem para decidir quais reportagens ficarão em posição de destaque devido ao limite de tempo e atenção de seus leitores. (MCCOMBS, 2009, p. 68)

A influência pode ser analisada como irrelevante por estar diretamente ligada a detalhes pequenos em sua grande maioria como informações referentes ao *layout*, mas

matérias de primeira página no jornal têm duas vezes mais leitura do que as que aparecem em suas páginas internas. Matérias com ilustração gráfica atrativa e títulos maiores atraem mais leitores. Muitas outras características do jornal – e características análogas da televisão e de outros veículos de comunicação – influenciam o alcance do sucesso da comunicação massiva numa audiência. (MCCOMBS, 2009, p. 87)

A busca por orientação é o que leva o público a consumir os veículos de comunicação e, dessa forma, é o que possibilita a existência do agendamento. É inquestionável que aqueles que mais frequentam os portais de notícias são os que mais absorvem a agenda da mídia, ou seja, os mais antenados são, portanto, os mais influenciados.

A teoria não tem relação com a falta de escolaridade e ignorância, pelo contrário, pois há uma tendência de que os mais atingidos pelos efeitos do agendamento sejam os que conquistaram um nível de escolaridade mais elevado. Isso ocorre, porque, “com mais educação, especificamente a universitária ou superior, é mais provável que haja a necessidade de orientação”. (MCCOMBS, 2009, p. 95)

A classificação hierárquica das reportagens feita de forma ideológica tem um significado importante nos estudos teóricos do comunicólogo americano, pois “a principal descoberta é que o grau de ênfase colocado nos tópicos das notícias influencia a prioridade dada a eles pelo público” (MCCOMBS, 2009, p. 111), que vai enxergar como relevante as informações que o veículo considerar pertinente.

Sem se debruçar em questionamentos político-sociais como o interesse daqueles que estão por trás do monopólio da comunicação no Brasil e focando apenas em como os espectadores são pautados pela imprensa, o estudo de caso referido no capítulo anterior foi realizado com a intenção de testar a teoria do agendamento com o público dos JUCS. Após tomar conhecimento que 80,2% das 146 pessoas que participaram da pesquisa acompanham o cenário esportivo por meio de notícias sendo 41,8% diariamente, 10 manchetes foram selecionadas e aplicadas no formato de questionário acompanhadas da pergunta: “Você viu alguma notícia sobre o assunto acima?”

Metade dos títulos que entraram para a pesquisa abordava informações sobre atletas do gênero feminino e a outra metade, do masculino. Essa escolha foi, na verdade, uma estratégia pensada com a intenção de ter uma representatividade feminina e outra masculina sobre um mesmo tema ou, minimamente, um assunto parecido para ser possível comparar diretamente. Além disso, oito pertenciam à modalidade futebol de campo, devido a sua popularidade, e duas traziam o basquete como assunto principal.

A acusação de estupro feita a Neymar e o diagnóstico de câncer da namorada de Marta, que também é jogadora de futebol, são duas reportagens que trazem o relato da vida pessoal dos atletas e, apesar disso, são comercializadas no caderno de esporte nos veículos de comunicação. Na análise, 98,6% souberam do caso que envolvia o jogador brasileiro, enquanto apenas 18,5% tinham conhecimento da doença de Toni Deion.

A comparação entre as conquistas do time de futebol do Flamengo masculino e do Corinthians feminino atingiu um resultado parecido com o anterior. A quebra de um recorde mundial pelo time paulista com direito a entrada no Guinness Book chegou aos ouvidos de apenas 24,7% dos entrevistados, já a permanência do rubro-negro na liderança quase triplicou o valor da modalidade feminina, chegando a 74,7%.

Quando as manchetes falavam sobre a liga mais importante do basquete americano, ambas receberam pouco reconhecimento dos que responderam e isso é mais uma evidência da teoria do agendamento por esta não ser uma modalidade esportiva muito noticiada. A lesão de um dos maiores jogadores dos EUA recebeu respostas negativas de 67,1% e a ida para a semifinal do campeonato com uma cesta inacreditável protagonizada pelas mulheres do basquete não era conhecimento de 91,8%.

De volta para o futebol, dois títulos divulgaram as listas dos indicados ao prêmio de melhor jogadora e jogador do mundo e, mesmo depois da Copa do Mundo feminina ter sido realizada nesse ano, 2019, houve uma diferença entre os gêneros. Mais de 50% não soube das selecionadas, enquanto 62,3% afirmou conhecer o cenário masculino da mesma premiação.

A convocação da seleção de futebol brasileira tanto feminina quanto masculina foi um outro tema abordado para ilustrar a teoria testada. Com quase 25 pontos de diferença entre um e outro, 31,5% dos que responderam tinham se informado sobre a escolha da técnica Pia Sundhage, que comanda as jogadoras brasileiras, e 55,5% é a taxa referente aos que viram quais jogadores foram convocados por Tite.

Analisando de uma forma geral, todos os conteúdos relacionados à figura da mulher não conseguiram chegar ou ultrapassar o conhecimento de 50% dos entrevistados, ou seja, nem metade conhecia as informações que estavam nos títulos. O contexto dos homens foi completamente diferente, contendo apenas uma manchete com uma taxa de menor conhecimento, que pode ser explicado pelo próprio pensamento teórico.

Além disso, o nível de escolaridade daqueles que participaram do estudo foi outro aspecto que acatou o raciocínio que McCombs faz no livro “A Teoria da Agenda” ao ter 25,5% com nível superior completo, 68,8% com nível superior incompleto e 5,7% com ensino médio completo. Os dados do perfil e o resultado completo da análise podem ser encontrados nos APÊNDICES A, B e C.

Os efeitos alcançados por esse pensamento teórico são, relativamente, a curto prazo, mas também podem ser intensificados caso sejam consumidos a longo prazo, pois são capazes de manipular não só o que a sociedade vai pensar e falar, mas também de que maneira ela vai pensar.

Na agenda da segunda dimensão, a saliência dos atributos afetivos entrelaçada com as imagens cognitivas do público sobre estes líderes representa a convergência do agendamento de atributos com a formação e a mudança da opinião. Além das atitudes e opiniões, as imagens da realidade criadas pelo mass media têm implicações para os comportamentos pessoais, variando desde a inscrição de um estudante na universidade até à votação no dia de eleição. (MCCOMBS, 2009, p. 205)

3.4. As consequências para as atletas

A desvalorização da mulher enquanto atleta é um reflexo da invisibilidade feminina nos cadernos de esporte da imprensa brasileira. As consequências desse comportamento são perceptíveis quando analisamos o cenário esportivo profissional feminino e comparamos com os benefícios oferecidos ao masculino. A crítica feita à mídia não se limita apenas ao controle que ela exerce na agenda pública, mas também tem impacto na (baixa) audiência de competições disputadas por mulheres e, conseqüentemente, no interesse de patrocinadores e na diferença salarial entre os gêneros.

Outro problema decorrente da pouca exposição das atletas na mídia é a própria desvalorização da mulher atleta. Sem aparecer nos jornais e programas esportivos, a atleta acaba por enfrentar diversos obstáculos e

dificuldades para se manter ativa no esporte, tais como: falta de patrocinadores, más condições de treinamento, baixos salários que as obrigam a procurarem outras formas de subsistência, dificultando assim o seu progresso atlético. (SOUZA; KNIJNIK, 2003, p. 8)

O atraso das mulheres para dar início à prática de esportes na infância e pré-adolescência é provocado por estigmas reforçados pelos próprios canais de comunicação. Além do mais, a falta de representatividade nos noticiários diminui o incentivo e a identificação entre as mulheres por não terem uma referência semelhante a elas para servir como modelo.

Tais atitudes podem refletir negativamente no futuro do esporte brasileiro, pois, ao diminuir o número de mulheres interessadas em exercícios físicos, a quantidade de atletas que serão formadas pelo Brasil também sofrerá um declínio. Ou seja, a delegação brasileira pode voltar a ter pouquíssimas atletas representando o país nos Jogos Olímpicos caso esse cenário não se modifique.

O desenvolvimento do esporte feminino tem impacto direto na ascensão da figura da mulher na sociedade e, ao perder parte desse espaço, esse gênero pode ser submetido a uma nova exclusão social. Isso tudo por que a prática de exercícios físicos pode melhorar a qualidade de vida ao dar oportunidades para jovens desenvolverem habilidades atléticas e, assim, virarem atletas.

4. O machismo camuflado nos JUCS

Se o cenário do esporte profissional já não chega perto do ideal, a realidade das modalidades praticadas dentro das universidades é de completo abandono, principalmente em instituições públicas. Na maioria dos casos, o investimento econômico acaba saindo do bolso dos próprios atletas, que pagam os técnicos, aluguel de quadra, competições e as demais eventualidades.

O contexto é ainda pior para as mulheres, pois a desvalorização das atletas é um fator ainda mais acentuado na esfera universitária. Além da carência de investimentos, elas precisam lidar com comportamentos machistas. Mesmo sem nenhum incentivo público, nem mesmo políticas para amenizar a desigualdade de gêneros, elas não desistem e mostram que

esforços, visando a superação de obstáculos, como a falta de apoio técnico e financeiro e os preconceitos de gênero envolvidos com a prática de determinados esportes por parte das mulheres, devem ser prioritários e mobilizar toda a sociedade, reforçando a importância da criação de mais e melhores políticas públicas e privadas para o esporte [universitário]. (HILLEBRAND, 2007, p. 5)

Já nos Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUCS), a desvalorização da mulher enquanto atleta é um ponto a ser questionado, pois as atléticas participantes reproduzem um discurso feminista, repreendendo esse tipo de atitude preconceituosa. Apesar disso, esse tipo de manifestação não é colocado em prática durante as competições e, muitas vezes, mostra uma incoerência na atuação dessas entidades, que acabam reforçando o machismo velado.

Comentários que endossam a superioridade masculina, músicas de torcida e xingamentos com conotações sexuais, e até mesmo abusos físicos e verbais por parte de torcedores, técnicos e árbitros são atitudes comuns nos JUCS. Ainda que isso fuja do controle e até mesmo da responsabilidade das atléticas, há muita tolerância com esses comportamentos e falta acolhimento para as atletas mulheres.

A representatividade das atletas dentro da Associação Atlética Acadêmica Cláudio Besserman Vianna, conhecida como Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ, será abordada não só no universo das quadras, mas também na (in)visibilidade durante a campanha pré-jogos em 2019.

Este capítulo irá trazer os relatos dessas atletas por meio de um estudo de caso realizado apenas com mulheres que já representaram suas universidades nas partidas da competição em questão. Além de contar experiências, a pesquisa traz dados estatísticos sobre a opinião dessas mulheres em relação ao posicionamento de suas atléticas, delegação, árbitros, técnicos e da empresa responsável pelo evento.

4.1. Esporte Universitário

Para maior entendimento sobre o assunto, é necessário abordar pontos importantes sobre a chegada do esporte universitário no Brasil e não apenas sobre os JUCS. O âmbito esportivo já foi uma área dominada pela elite, por se tratar de uma atividade inicialmente importada e, em geral, realizada no tempo livre do indivíduo, deixando de fora a classe trabalhadora em grande parte dessa história.

Um cenário parecido pode ser visto nas universidades brasileiras, que também eram frequentadas majoritariamente pela alta sociedade, antes da lei de cotas para o ensino superior público, sancionada em 2012 com o intuito de ampliar o direito da educação pública para aqueles que eram excluídos desse sistema por suas condições financeiras, raça e/ou formação em colégios públicos¹⁰. Ainda que isso tenha colaborado para uma maior diversidade nesses ambientes,

somente a atuação do processo pedagógico dentro da estrutura social em conjunto trará as modificações necessárias. Ou seja, modificações em nossa estrutura social, dentro do ponto de vista econômico e político, se fazem como condição predominante para que o esporte seja um dos muitos beneficiários. (HILLEBRAND, 2007, p. 31)

Com a sua popularização, o esporte ocupou um papel essencial dentro das questões sociais vividas no Brasil, oferecendo novas oportunidades aos que até então eram ignorados pela sociedade. “A inclusão desses jovens, principalmente das jovens mulheres, por meio do esporte, parece ser um caminho promissor, e as universidades devem estar preparadas para dar sua contribuição.” (HILLEBRAND, 2007, p. 32)

O esporte foi introduzido nas universidades brasileiras no final do século XIX, mesma época em que as mulheres passaram a marcar presença nas torcidas, e ganhou forças no

¹⁰ Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm > Acesso em: 01/11/2019

início do século XX com a primeira competição interestadual em 1916. Contudo, poucas universidades aderiram à prática em seus campi e apenas os cursos tradicionais como Medicina e Engenharia participavam dessas disputas (HILLEBRAND, 2007, p. 32).

Ainda assim, a evolução do esporte universitário caminhou lentamente e, mesmo sofrendo influência direta dos estímulos destinados ao esporte profissional a partir da Ditadura Militar, só teve esse contexto alterado depois da criação de incentivos que focavam especificamente em sua estrutura.

Só a partir dos anos 90 surgiram ações tímidas de divulgação dos campeonatos universitários por meio do marketing esportivo. Em 2005, ocorreu a primeira Olimpíada Universitária, os antigos Jogos Universitários Brasileiros - JUBs, proporcionando, com a ajuda de recursos financeiros, uma visibilidade dos jogos pela cobertura feita pela imprensa [...] A Lei nº 10.264, conhecida como Lei Agnelo/Piva (Lei Agnelo/Piva, 2001) sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 16 de julho de 2001, destinou ao COB [Comitê Olímpico Brasileiro] e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) 2% do prêmio das loterias federais do país. Desse montante, 85% são destinados ao COB e 15% ao CPB. Dos 85% que recebe, o COB deve aplicar 10% no esporte estudantil e 5% no Esporte Universitário. (HILLEBRAND, 2007, p. 33)

O desenvolvimento do esporte universitário no Brasil ainda não chegou ao nível de países desenvolvidos como os Estados Unidos, principal referência nesse campo. Os EUA oferecem uma infraestrutura esportiva de qualidade nas universidades e utilizam esse caminho para a formação de atletas profissionais, incentivando-os com bolsas de estudo e elevando o grau intelectual daqueles que representarão o país em jogos oficiais posteriormente.

Dessa maneira, o país consegue dar uma base de conhecimentos importante para os atletas sem que eles tenham que abrir mão dos estudos para alcançar o sonho de chegar ao esporte profissional, diferente do que é visto em terras brasileiras. Esse sistema de estímulo foi muito bem elaborado, pois nem sempre é possível realizar o desejo de se tornar um atleta e, assim, os americanos são capacitados para ocuparem outras áreas profissionais quando algum imprevisto ocorre em suas carreiras.

Mesmo utilizando formas de incentivos diferentes, o esporte universitário tem seu peso no Brasil e, apesar de não ter a intenção de desenvolver atletas profissionais, serve como um aliado na criação de empregos. “Embora o Esporte Universitário seja pouco estudado em nosso país, ele tem uma dimensão significativa para o mercado de trabalho,

tanto para os universitários como para os inúmeros profissionais do esporte.” (HILLEBRAND, 2007, p. 33)

4.2. Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes (JUCS)

Os JUCS são um campeonato universitário carioca realizado anualmente que, à princípio, seria voltado apenas para o curso de Comunicação Social, mas acabou envolvendo outras formações acadêmicas ligadas à linha artística como Belas Artes, Design e Arquitetura. Isso foi feito com a intenção de aumentar o número de atletas por delegação devido à baixa adesão dos universitários nas primeiras edições.

Apesar de ter sido criado formalmente em 2012, uma competição de futebol de areia realizada na praia de Copacabana em 2011 foi o pontapé para a elaboração do projeto ao reunir algumas das universidades que se tornariam rivais na disputa do ano seguinte: UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), FACHA (Faculdades Integradas Hélio Alonso), PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica) e ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing).¹¹

Oito instituições do ensino superior colaboraram para o projeto dos JUCS sair do papel para a prática e, além das quatro já citadas, as que integraram o grupo de fundadoras são: UFF (Universidade Federal Fluminense), UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), UVA (Universidade Veiga de Almeida) e CCAA (Centro de Cultura Anglo Americana). Hoje em dia, apenas seis dessas entidades permanecem nesse grupo seletivo, pois o CCAA faliu e deixou a competição após a edição de 2014, enquanto a FACHA perdeu os seus direitos de fundadora no ano de 2017 por ter levado atletas irregulares, ou seja, que não poderiam participar das disputas segundo o regulamento da competição.

A oitava e última edição da competição até hoje aconteceu entre os dias 20 e 23 de junho de 2019 em Vassouras e contou com a presença de nove atléticas separadas em apenas uma divisão, ou seja, não tinha série B, diferente de alguns outros anos. Foi a primeira vez que os JUCS teve disputas de natação e que a prática de *cheerleading* entrou para as modalidades oficiais, deixando de ser vista apenas como um modelo de torcida. Essas duas novas categorias foram realizadas em outras datas no Rio de Janeiro enquanto

¹¹ Disponível em: < <https://medium.com/blogdoBruce/como-surgiu-a-atletica-de-comunica%C3%A7%C3%A3o-e-artes-da-ufrj-229b0bf2a9da> > Acesso em: 05/11/2019

Vassouras foi palco principal das oito modalidades tradicionais: basquete, cabo de guerra, futebol de campo, futsal, handebol, jiu-jitsu, tênis de mesa e vôlei.

Por ser um campeonato realizado em poucos dias, o modelo de chaveamento das modalidades tradicionais é bem simples: sete atléticas já entram nas quartas de final e as outras duas disputam a única partida das oitavas de final. As novas categorias têm um sistema diferente para chegar até o pódio, sendo por tempo quando se trata da natação e nota no *cheerleading*. Não há disputa de terceiro lugar em Vassouras e, portanto, a única maneira de conquistar uma medalha é chegando na final.

Entre as dez categorias, oito têm times femininos e masculinos, uma tem time misto e a outra tem apenas time masculino. A exclusão da modalidade feminina acontece no futebol de campo, que é o esporte mais jogado e noticiado no Brasil, e a justificativa é que não haveria adesão suficiente por parte do elenco feminino para alcançar o número necessário de jogadoras, provocando diversos WO, termo usado quando não existe um número mínimo de pessoas para a realização da partida. Ainda que a Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ não tenha feito uma pesquisa com todas as atletas com a intenção de comprovar essa hipótese nos últimos três anos, nem mesmo com as que jogam futsal, uma possível solução seria propor um time misto. Até então, essa não é uma possibilidade permitida pelo regulamento atual e o fato é que nenhuma mulher participou das disputas de futebol de campo nos JUCS.

A falta de reivindicação por parte das mulheres enquanto atletas reforça esse cenário de exclusão. De 2016 para 2019, nenhum movimento que buscasse uma mudança foi feito por parte das jogadoras que representam a UFRJ nessa competição. Mesmo assim, não é possível afirmar se isso é um reflexo do desinteresse feminino perante a modalidade, ou se seria mais um efeito da teoria da espiral do silêncio. Criado pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann, esse conceito afirma que aqueles que têm um ponto de vista minoritário tendem a cair no conformismo perante a opinião pública geral, por priorizarem o não-isolamento ao não-julgamento. É um círculo vicioso, que acaba distorcendo a imagem da realidade (HOHLFELDT, 1999).

Outro elemento que pode motivar a desigualdade entre os gêneros é a torcida. Os torcedores têm um papel importante na competição, pois, além de serem essenciais para apoiar o desempenho dos atletas, existe um prêmio de melhor torcida e a atlética que conquista esse título recebe pontos na classificação geral. Devido a isso, cada delegação cria a sua própria estratégia para se sobressair e isso inclui tomadas de decisões como

priorizar um jogo quando uma modalidade ocorre ao mesmo tempo que outra, ou então dividir a torcida nessas circunstâncias. Partindo para uma análise mais subjetiva, muitas atletas reclamam dessa prática por acreditarem que as modalidades femininas acabam sendo desfavorecidas por serem preteridas pela delegação.

Mesmo que a atlética busque dividir de forma igual, é inevitável que uma torcida acabe ficando maior que a outra e, normalmente, as arquibancadas das disputas masculinas parecem mais cheias que as femininas. Isso ocorre até mesmo quando não há sobreposição de horários e em jogos de mais importância, como o episódio da semifinal jogada pelo time feminino de futsal da UFRJ contra a PUC-Rio no ano de 2017. O jogo era o mais esperado da modalidade e existia a possibilidade de ser mais disputado que a final, mas foi marcado às 9 horas da manhã e a torcida não compareceu em peso como fez em outras disputas realizadas nesse mesmo horário. Além disso, foi a única partida que não teve registro fotográfico por parte da Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ, pois os responsáveis pelo material de audiovisual não acordaram a tempo.

Muitos que frequentam os JUCS não percebem esse tratamento desigual entre os atletas de diferentes gêneros e é como se esse comportamento fosse tão naturalizado que passa sem ser notado até mesmo por mulheres. Apesar disso, é um assunto que tem sido abordado com mais frequência e as atléticas se dizem interessadas em passar por mudanças, mas, pelo menos nas gestões da Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ, comportamentos machistas ainda são recorrentes.

A diferença em materiais do audiovisual, a falta de representatividade em campanhas publicitárias pré-JUCS, a baixa frequência em jogos femininos e a prioridade dada aos times masculinos são exemplos de condutas da atlética que ilustram a desigualdade entre os atletas da delegação. É do entendimento das atletas que a atlética não pode ser responsabilizada por certas condutas, pois muitas fogem de seu controle. Entretanto, é necessário que a instituição tenha um posicionamento claro sobre o assunto e crie estratégias para reverter essa situação.

Essa transformação só será efetuada quando as mulheres que representam as atléticas em quadra forem ouvidas. Com a intenção de deixar um legado positivo para as futuras atletas, um estudo de caso foi realizado para dar a palavra a quem realmente pode se sentir prejudicado por esse comportamento, esboçando a realidade vivida por elas.

4.3. O não pertencimento das atletas

O questionário que serviu como base de pesquisa foi respondido anonimamente por 76 pessoas do gênero feminino que, obrigatoriamente, já tivessem participado dos JUCS como atletas. De diferentes idades, raças, rendas, modalidades e atléticas, elas relataram experiências machistas durante a competição. E analisando as respostas, é possível afirmar que não se trata de um comportamento exclusivo da UFRJ, pois atinge muitas delegações (ver APÊNDICE D e E).

A forma como o estudo foi organizado se baseou em 3 ideias:

1) cinco frases que refletem o machismo no esporte universitário foram formuladas e as entrevistadas deveriam nivelar o quanto concordavam com a afirmativa, marcando concordo totalmente, concordo parcialmente, não concordo e nem discordo, discordo parcialmente ou discordo totalmente;

2) perguntas mais objetivas sobre as experiências das entrevistadas com os JUCS. Três ocasiões eram colocadas em questão e elas tinham que responder se já tinham passado ou presenciado tais situações;

3) Espaço para as atletas escreverem de forma resumida alguma atitude machista que presenciaram durante os jogos.

Na primeira etapa, o comportamento dos torcedores perante as modalidades femininas foi o primeiro questionamento feito às atletas. No total, 46,1% concordou totalmente com a frase “as arquibancadas ficam mais cheias em modalidades masculinas durante os JUCS” e 28,9% concordou parcialmente. Já as que não sabiam se posicionar somaram 14,5%, restando 10,6% para as que refutaram parcialmente ou totalmente a ideia proposta pela afirmação.

Quando o assunto é o posicionamento desigual das atléticas com os gêneros, o resultado ficou mais balanceado e a grande maioria optou por não concordar e nem discordar da afirmação “as atléticas priorizam mais as modalidades masculinas”, totalizando 28,9%. Mesmo assim, aquelas que concordaram parcialmente ou totalmente ainda atingem níveis superiores às que discordam, somando 44,8% e 26,3% respectivamente.

O audiovisual foi um dos quesitos analisados e também apontou para a falta de representatividade feminina nos jogos ao ter 34,3% concordando, 36,8% se abstendo e 29% discordando com a frase “as modalidades femininas estão menos representadas nos

materiais do audiovisual das atléticas e da empresa responsável pelo evento (fotos e vídeos no pré, durante e pós-jogos)”. Sobre esses materiais, uma das entrevistadas quis se posicionar:

A atlética tem fotos de mulheres atletas, incentiva bastante tanto as atletas como as outras da delegação. Mas, nos materiais da empresa organizadora, vejo majoritariamente homens estampando campanhas e aparecendo nos materiais. Eu, como mulher e atleta, sempre fico buscando imagens dos meus jogos e nunca apareceu nada, nem mesmo quando o meu time ficou em 1º lugar. Não teve 1 segundo sequer com imagens dos jogos. (ANÔNIMA, 2019)¹²

As últimas duas questões falam sobre a sexualização da mulher enquanto atleta durante a competição e a relação do corpo com essa imagem estereotipada. Dessa vez, a maioria esmagadora dessas mulheres concordaram com as afirmativas “as mulheres sofrem uma sexualização ao ocuparem o papel de atleta nos JUCS” e “essa sexualização tem mais a ver com o formato do corpo e a roupa utilizada do que com a habilidade esportiva da atleta”. Em ambas, o número de entrevistadas que se identificaram com as frases ultrapassou 50%, sendo 61,8% e 75% respectivamente.

Os dados referentes às perguntas da segunda parte são ainda mais assustadores, porque também denunciam diversos tipos de assédio sexual e até mesmo violência física. No total, 72,4% das entrevistadas afirmaram conhecer alguma atleta que já sofreu assédio (físico ou verbal) de torcedores, árbitros e/ou treinadores durante treino ou jogo. Com essa mesma porcentagem, 55 atletas disseram que já ouviram xingamentos com conotações sexuais direcionados a elas durante uma partida nos JUCS. Além disso, 65,8% já foram ofendidas com frases que diminuíram as atletas mulheres perante aos homens nos JUCS como “jogos masculinos são mais disputados”, “mulher não joga nada” e “vai aprender com homem”.

Apesar do posicionamento das entrevistadas configurar um ambiente machista, o resultado da última divisão pode contrariar essa percepção e possibilita uma análise interessante: 47,4% nunca presenciou uma atitude machista sofrida por uma atleta nos JUCS. Isso mostra que as situações descritas anteriormente não são consideradas machistas por grande parte das que participaram da pesquisa mesmo com marcas nítidas da misoginia.

¹² Entrevista concedida à autora. Por questionário anônimo. 30 de outubro de 2019

Encerrando o questionário, a pergunta discursiva era a única opcional e isso foi pensado para não pressionar nenhuma participante a reviver uma experiência traumática. Por isso, só foram contabilizadas 26 respostas, mas que foram suficientes para relatar os mais diferentes tipos de ofensas sofridas por mulheres do esporte universitário.

Sete narrativas chamaram mais atenção por especificarem os casos ou pela gravidade dos fatos, mas todas estão disponíveis para consulta no APÊNDICE F. Entre essas sete, uma descreveu um episódio de violência física vivenciado por uma universitária que acabou com o agressor impune:

Em 2017, uma mulher da gestão da atlética da ESPM levou um tapa na cara de um jogador da FACHA durante o jogo de futsal masculino disputado por essas mesmas faculdades. Nada foi feito, o jogador não foi expulso do jogo e, quando foram à delegacia, todos mentiram dizendo que nada tinha acontecido. Nunca mais foi falado sobre a agressão e os JUCS não tomaram nenhum posicionamento sobre. (ANÔNIMA, 2019)

Outra denunciou uma conduta por parte de torcedores que incitava o estupro contra atletas. Ainda que o espectador tenha sido identificado como parte de uma delegação que não participa dos JUCS, tal relato ocorreu durante os Jogos Universitários de Comunicação Social e Artes no Rio de Janeiro.

No primeiro JUCS que fui, em 2015, um torcedor que, aparentemente, cursava engenharia na Universidade Veiga de Almeida falou que ia comer meu ‘cu todinho’. A gente não sabe quem ele é, ou se faria ou não. O fato é que não afetou só o meu lado jogadora e me deixou com medo enquanto mulher. Além de ficar puta por ele achar que tinha o direito de falar esse tipo de coisa pra alguém. (ANÔNIMA, 2019)

A maioria dos casos partem das torcidas adversárias com a intenção de desestabilizar aquelas que estão em quadra contra suas respectivas universidades, mas existe um número significativo de acontecimentos protagonizados por autoridades como técnicos ou árbitros. Entre a quantidade selecionada para ilustrar esse trabalho, quatro se referem a esse contexto. “O antigo técnico do meu time falou que uma das meninas era ‘gostosinha, mas burra pra cacete’ durante um jogo.” (ANÔNIMA, 2019) “Já vi técnico da PUC-Rio chamar atleta de fraca, enquanto a atleta saía de quadra berrando e falando o quanto ele era louco nos JUCS 2017.” (ANÔNIMA, 2019) “Um técnico disse que ia colocar a menina em

quadra por causa da bunda dela.” (ANÔNIMA, 2019) “Não foi em relação a uma atleta, mas um juiz mencionou que o jogo de futsal masculino estava parecendo jogo de futsal feminino por estar muito chato, lento ou ruim.” (ANÔNIMA, 2019)

O último depoimento retrata uma atitude comum nos jogos universitários por parte das arquibancadas e foi a conduta mais citada nas entrevistas ao aparecer em 15 dos 26 relatos. É importante reforçar que esse tipo de conduta também parte das próprias mulheres que estão do lado de fora das quadras. “Final do vôlei feminino nos JUCS 2019 entre a UFRJ e PUC-Rio: as meninas da UFRJ sofreram ofensas por parte da torcida da PUC, sendo xingadas de vagabundas, putas e outras ofensas similares.” (ANÔNIMA, 2019)

4.4. Um estudo sobre a Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ

A pesquisa feita com as atletas também servirá para analisar qual é a opinião delas perante ao comportamento institucional da Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ. Para isso, foi necessário separar os dados que foram coletados apenas com as entrevistadas que representam essa entidade, somando 30 das 76 respostas. É possível conferir o resultado completo no APÊNDICE G.

A maioria das que responderam o questionário acredita que as modalidades femininas são preteridas quando o assunto é torcida como revela o episódio vivenciado pelo time de futsal feminino citado anteriormente. No total, 70% concordam totalmente ou parcialmente que as arquibancadas ficam mais cheias em disputas masculinas, 16,7% discordaram e 13,3% preferiram se abster. A conduta da delegação é um tanto quanto contraditória se levarmos em consideração que as modalidades femininas da UFRJ são conhecidas por terem uma trajetória mais bem-sucedida do que as masculinas, chegando em mais finais nos últimos dois anos. Inclusive, existe uma música que se refere ao desempenho das mulheres na competição: “o feminino é foda, é o orgulho da UFRJ.”

Os números não são muito diferentes quando as atitudes da atlética analisada são colocadas em questão e 53,4% acredita que ela dá prioridade para o gênero masculino de alguma forma. Ainda que o percentual de concordância tenha sido mais baixo que o referente à torcida, a diferença para aquelas que discordaram da afirmativa ultrapassa 20 pontos ao alcançar apenas 33,3%, enquanto 13,3% não souberam se posicionar. A indignação das atletas com o comportamento da atlética, que reforça o protagonismo masculino, já foi levada inúmeras vezes para as diretorias por parte das atletas de futsal e

handebol, pelo menos. Mesmo assim, nenhuma solução com a intenção de mudar essa concepção foi apresentada até então.

Outro questionamento das atletas é a falta de representatividade do gênero feminino nas campanhas divulgadas nas redes sociais da atlética e também pela empresa responsável pelo evento. Chegando a 56,7%, 17 das 30 entrevistadas concordam que essa exclusão realmente acontece, mas 26,6% têm uma percepção diferente e 16,7% preferiram não responder. Como o foco é analisar apenas a Associação Atlética Acadêmica Cláudio Besserman Vianna e as mulheres enquanto atletas, uma parte da campanha pré-JUCS 2019 foi usada para exemplificar a falta da figura feminina nesse espaço. Uma série de artes publicitárias, que pode ser vista no ANEXO B, foi criada com fotos de atletas com a intenção de ilustrar uma contagem regressiva quando faltava nove dias para a competição. A ideia era que os números estampados nas camisas se referissem a quantidade de dias que faltava para a viagem e, das dez imagens usadas, somente uma tinha a mulher como protagonista. Ao ser questionada, a diretoria responsável pela comunicação da atlética alegou que os times femininos, diferente dos masculinos, são carentes de fotos em alta resolução.

A sexualização da mulher enquanto atleta foi, novamente, a afirmativa que teve mais concordância por parte das entrevistadas e 73,4% acreditam que o gênero feminino ganha uma conotação sexual quando se envolve com algum esporte dessa competição. Nenhuma mulher que participou desse estudo discordou totalmente desse contexto, mas 6,6% discordaram parcialmente e 20% não souberam opinar. Quanto a utilização do corpo e da roupa como justificativas para essa sexualização, 86,7% concordam, 10% se abstiveram e apenas 3,3% discordam.

Ainda que parte das respostas tenha sido excluída desse estudo, o cenário continuou muito parecido com os dados coletados anteriormente e o mesmo aconteceu com a segunda etapa do questionário. Uma grande porcentagem já presenciou, nos JUCS, atitudes como xingamentos com conotações sexuais (70%), ou ofensas que colaboram para a desigualdade de gênero no esporte ao diminuir a habilidade feminina (66,7%). Apesar disso, o número diminuiu significativamente quando questionadas sobre atitudes machistas direcionadas às atletas nas partidas e 46,7% alegam que nunca presenciaram algo do tipo, mesmo as outras situações configurarem uma conduta machista.

Oito entrevistadas não sabiam da ocorrência de casos de assédios físicos ou verbais por parte de torcedores, árbitros e técnicos durante jogos ou treinos. Isso mostra que ainda é

um assunto velado, pois os episódios perdem força quando não são divulgados nem mesmo entre as mulheres da mesma delegação, o que colabora para deixar os agressores impunes como aconteceu no time de handebol feminino em 2016. O técnico que dirigia a equipe nessa época usava expressões como “tirar uma lasquinha” quando precisava fazer contato físico para exemplificar um exercício e já se referiu à atleta como “bonitinha, mas burra pra cacete”. Demorou cerca de um ano para que uma atitude fosse efetivamente tomada, resultando em sua demissão.

5. Considerações finais

A constante desvalorização da figura feminina no esporte universitário não é apenas um retrato do que acontece no cenário profissional, mas também um reflexo da sociedade patriarcal. Esse sistema social prevalece desde os primeiros registros dos Jogos Olímpicos, realizado na Grécia Antiga em 776 a.C., quando a mulher era proibida de ter qualquer tipo de atuação nesse ambiente e punida com pena de morte caso descumprisse a lei. E ainda é um comportamento predominante nos Jogos modernos, se considerarmos que as mulheres só conquistaram o direito de disputar todas as modalidades mais de 2.500 anos depois, em 2012.

No Brasil, a força que esse tipo de pensamento atingiu pode ser justificada por questões históricas, políticas e sociais, que ainda assombram o desenvolvimento feminino. A submissão econômica e cultural das mulheres era uma condição comum até meados do século XIX, época em que elas enfrentavam dificuldades para ter acesso a direitos básicos como a educação e a liberdade de frequentar às ruas. Esse cenário mudou com o início do século XX, mas outros motivos foram usados para frear a evolução das mulheres em certos ambientes.

Os estigmas que marcam a feminilidade foram reforçados por embasamentos científicos, como as diferenças biológicas entre os gêneros, e tiveram influência direta na política e no âmbito esportivo. A crença de que a mulher é um ser mais delicado se tornou uma justificativa para proibi-las legalmente de praticar exercícios físicos mais agressivos, como o futebol, durante três décadas. O feminismo mostra que a relação do corpo e do comportamento com as questões de gênero é fruto de um contexto sociocultural e não, biológico.

É evidente que o movimento feminista está ganhando notoriedade cada vez mais e, dessa maneira, conquistando mais direitos para as mulheres, mas é importante frisar que a emancipação do gênero feminino é um avanço muito recente se colocado em uma linha do tempo. Portanto, estamos numa fase de transição em que o contra-ataque das mulheres está surtindo efeito aos poucos na população. Essa mudança de comportamento tende a ser mais rápida com o uso frequente da internet, pois é um meio que facilita a democratização da informação ao ampliar o acesso tanto à recepção quanto à emissão de conhecimento.

O principal questionamento desse trabalho está na influência da mídia na desvalorização da mulher enquanto atleta, associando com a realidade dos JUCS e das

atletas do esporte universitário. Utilizando como embasamento teórico a Sociedade do Espetáculo e Agenda Setting, que definem o esporte como espetáculo e a imprensa como responsável pela agenda pública respectivamente, foi possível perceber que os veículos de comunicação colaboram para a perpetuação de ideais machistas. Isso é feito de forma velada, se for considerado que não há conteúdos que difamem a figura feminina explicitamente, mas a escolha de excluir esse gênero das manchetes e transmissões esportivas já é o suficiente para fortalecer essa desigualdade.

O jornalismo esportivo é, portanto, conduzido por padrões masculinos que definem a visibilidade das mulheres e, conseqüentemente, o interesse da população e patrocinadores por modalidades femininas. Em decorrência dessa conduta jornalística, as atletas tanto do meio profissional quanto do amador são desvalorizadas a ponto de interferir no desenvolvimento esportivo feminino. As conseqüências podem ser bem mais graves, pois também pode prejudicar a realização de atividades mais simples do dia-a-dia e até mesmo a saúde dessas mulheres, que podem não ter a coordenação motora e aptidão física aperfeiçoadas.

É necessário compreender que o debate do gênero feminino no esporte e o controle da imprensa sobre a sociedade são discussões com amplas dimensões e que podem ser retomadas de inúmeras maneiras, dando continuidade ao tema proposto. Uma possível linha de complementação seria avaliar o alcance das diferentes modalidades femininas e fazer uma comparação, analisando se aquelas que não foram proibidas legalmente conseguiram se desenvolver mais do que as outras no Brasil. O vôlei e a ginástica artística tiveram um avanço mais significativo do que o futebol?

A ampliação desse projeto de modo que o estudo se concentrasse no esporte profissional e/ou no contexto internacional do esporte também seria interessante para entender a profundidade do machismo velado, além de compreender as especificidades do contexto social brasileiro. Qual o comportamento dos espectadores perante as modalidades femininas nos Jogos Olímpicos?

Com a chegada das mídias alternativas, esse cenário tende a mudar e, dessa maneira, seria curioso mensurar o impacto e a importância desse novo modelo na representatividade feminina. Será que a democratização da informação vai colaborar para o desenvolvimento do esporte feminino? De que maneira?

6. Referências Bibliográficas

ANDRADE DE MELO, Victor. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). In: **Revista Brasileira de História**, vol. 27, núm. 54, p. 127-152, dezembro, 2007.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Vol 2. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

COLLI, Eduardo. **Universo Olímpico uma enciclopédia das olimpíadas**. São Paulo: Códex, 2004.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Projeto Periferia. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.

DUFFY, Donna. "Sports, Women in". In: STANGE, Mary Zeiss; OYSTER, Carol K.; SLOAN, Jane E. **Encyclopedia of women in today's world**. Los Angeles; London; New Delhi; Singapore; Washington DC: Sage, 2011. P. 1384-1387

FIRMINO, Carolina Bortoleto; VENTURA, Mauro de Souza. "Sou atleta, sou mulher": A representação feminina e as modalidades mais noticiadas nas olimpíadas de Londres 2012. 14p. X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã – BU/SP – 22/04-15 a 24/04/15. Ano 2015.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 25, núm. 50, p. 315-328, dezembro, 2005

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. Florianópolis: **Motrivivência**, n.30, p.28-43, jun,2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. In: **Revista Movimento**. V. 13, n. 02, p. 171-196, maio/agosto, 2007.

_____. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. In: **Revista Tempo**. V. 17, n. 34, p. 45-52, janeiro/junho, 2013.

_____. "Imagens da mulher no esporte". In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HILLEBRAND, Marinez Domeneghini. **Dando voz às mulheres participantes do esporte universitário: contradições e desafios para a prática esportiva**. Tese (Doutorado em Serviço Social). Porto Alegre: PUC-RS, 2007.

HOHLFELDT, Antonio. Espiral do silêncio. In: **Revista Famecos**. V. 5, n. 8, p. 36-47, jul, 1998

LOURENÇO, Rafael de Oliveira. A Sociedade do Espetáculo ilustrada pelas dimensões da representação do futebol no Brasil: os anos de chumbo e a globalização 15p. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – REC/PE – 02/06/11 a 06/06/11. Ano 2011.

MAROLO, Paula; CASTRO, Caio Casagrande; CATUREGLI, Maria Genny. A problemática da imprensa na cobertura do futebol feminino brasileiro. In: **Revista Videre Futura**. Ano 1, v.1, jan/jul, 2012.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda – A Mídia e A Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NICOLAI RÉ, Alessandro H. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. In: **Revista Motricidade**. V. 7, n. 3, p. 55-67, 2011.

PFISTER, Gertrud. “Women and the Olympic Games”. In: DRINKWATER, Barbara L. (org). **Women in Sport: the encyclopedia of sports medicine and IOC medical committee publication**. Oxford: Blackwell, 2000. P. 3-22. V. 8.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. V. 2, n. 1, p.95-107, 2005.

SIMÕES, Antonio Carlos (org.). **Mulher e Esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

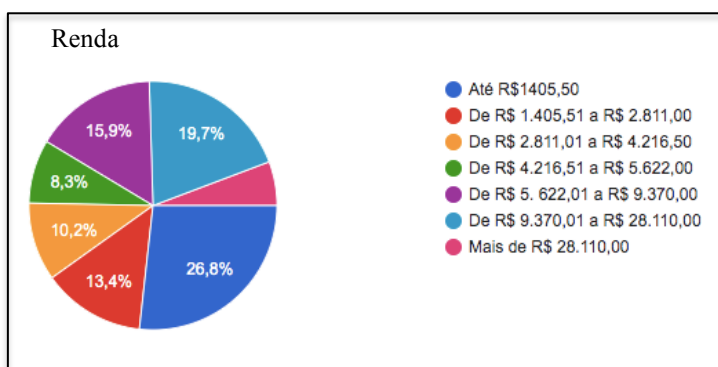
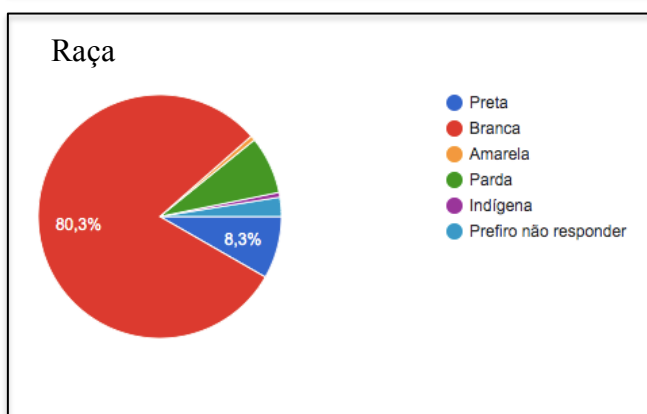
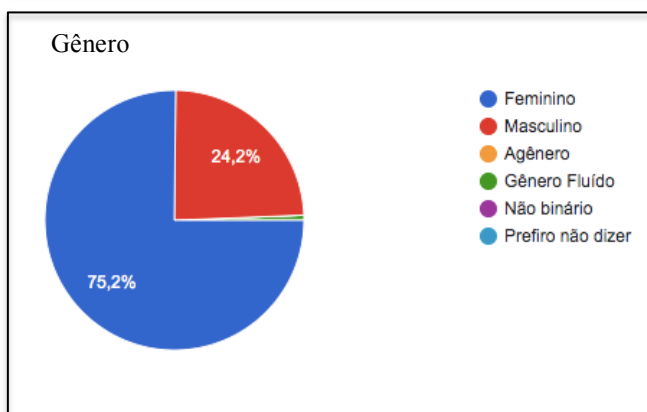
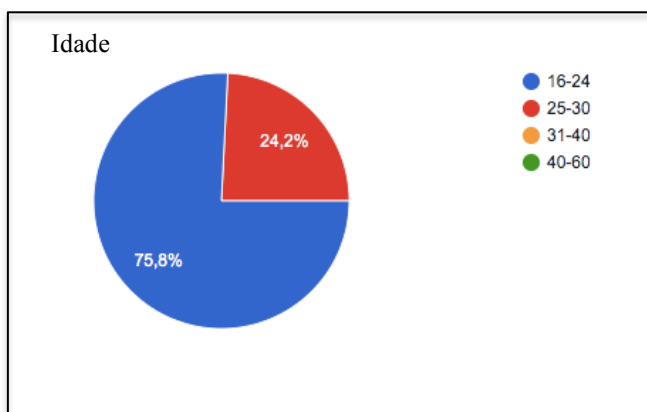
SOUZA, Juliana Sturmer Soares de; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Duas semanas de cobertura esportiva da Folha de São Paulo analisadas sob a ótica de gênero. 10p. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 02/09/03 a 06/09/03. Ano 2003.

TELLES, Gabriella Pereira. **País do Futebol... Feminino? A (In)Visibilidade das Mulheres nas Quatro Linhas**. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo). Rio de Janeiro: UFRJ, 2017

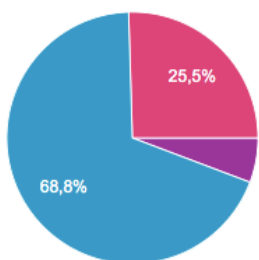
TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume I**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

7. APÊNDICES

7.1. APÊNDICE A: Perfil demográfico da pesquisa relacionada ao Agenda Setting

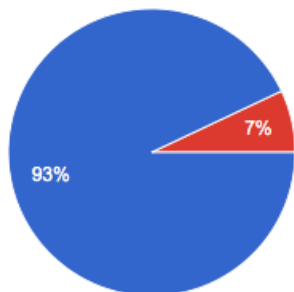


Escolaridade



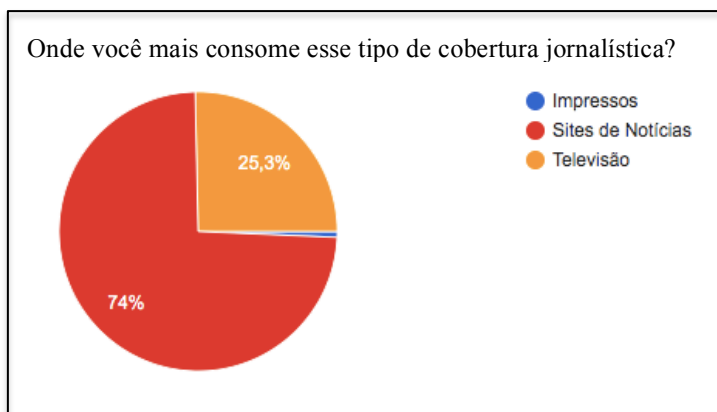
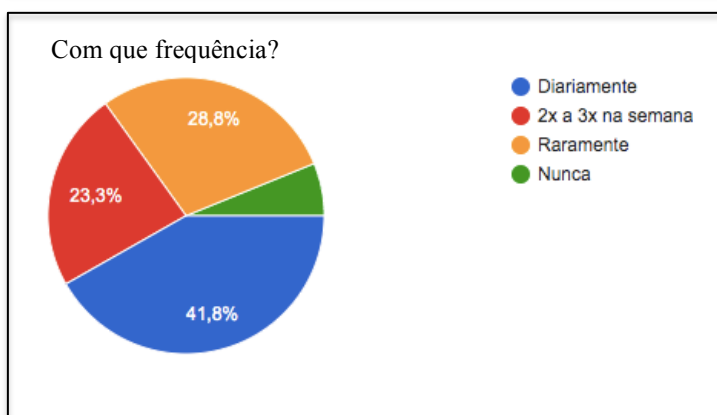
- Nenhuma
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

Você já foi aos JUCS?

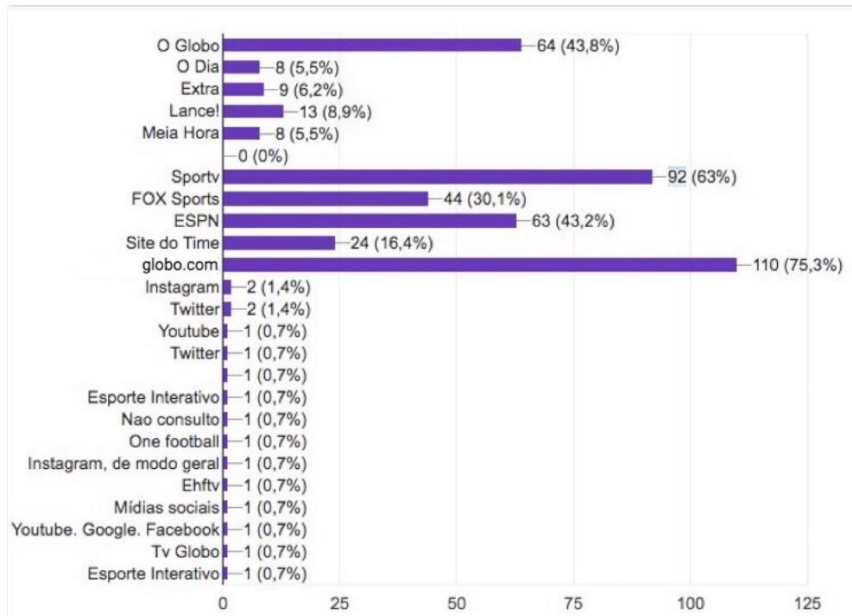


- Sim
- Não

7.2. APÊNDICE B: Consumo de jornalismo da pesquisa relacionada ao Agenda Setting



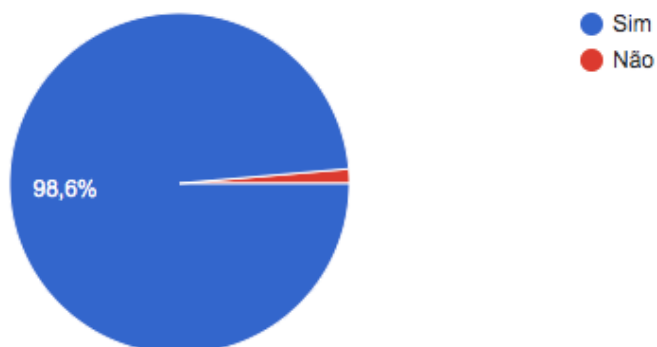
Marque os veículos que você mais consome:



7.3. APÊNDICE C: Pesquisa relacionada ao Agenda Setting – Você já ouviu alguma notícia sobre esses assuntos?

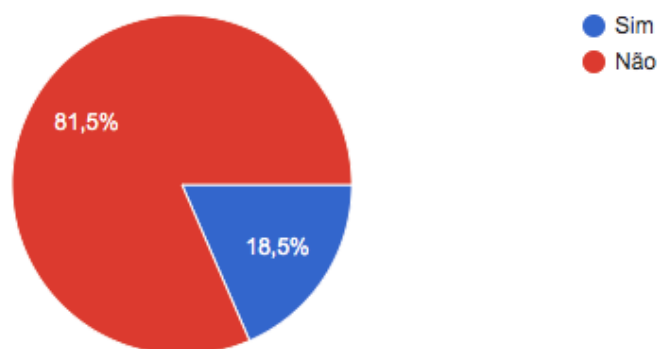
Neymar é acusado de estupro e pai diz que se trata de uma tentativa de extorsão

Crime contra uma brasileira teria acontecido em Paris, de acordo com boletim de ocorrência feito em São Paulo

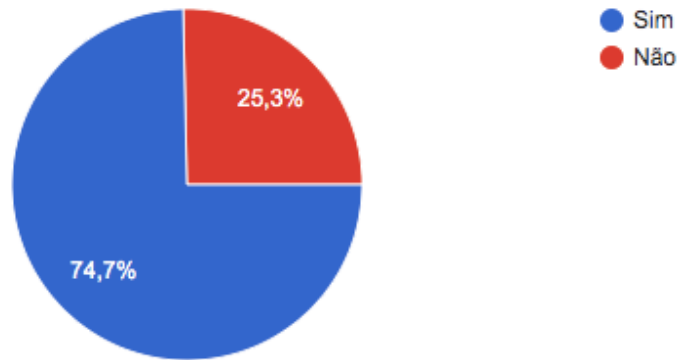


Namorada de Marta, zagueira do Orlando Pride é diagnosticada com câncer de mama

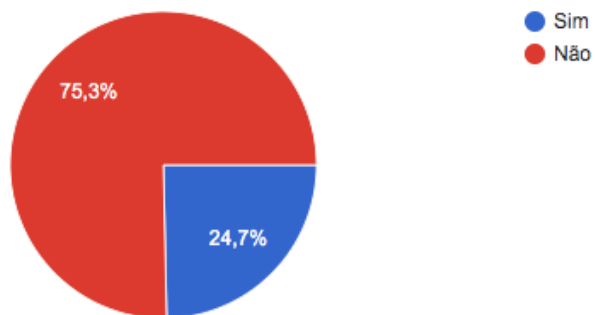
Clube americano revelou que a atleta passou por cirurgia na última sexta-feira



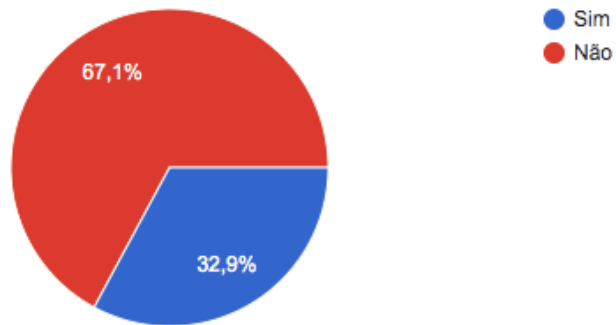
Campeonato Brasileiro: Flamengo vence Inter e segue líder



Futebol feminino do Corinthians bate recorde mundial e é exaltado pela Fifa

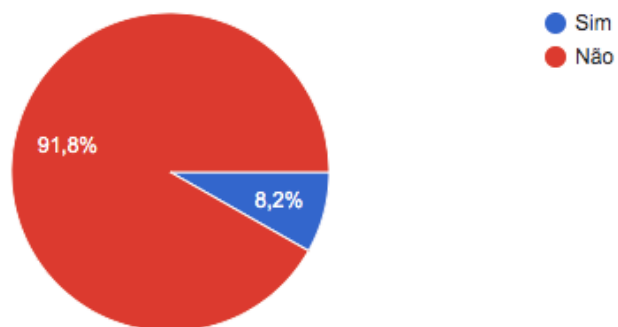


NBA: Kevin Durant não deve voltar nessa temporada, anuncia o Brooklyn Nets

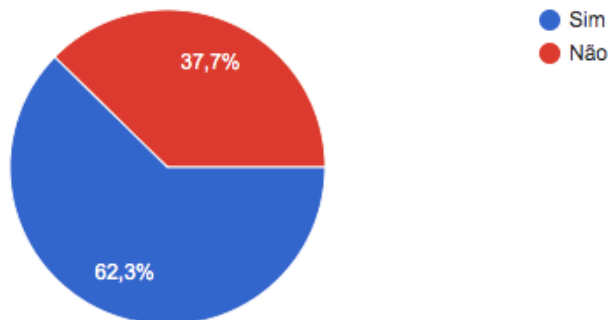


JOGADORA FAZ CESTA INACREDITÁVEL E LAS VEGAS ESTÁ NA SEMIFINAL DA WNBA

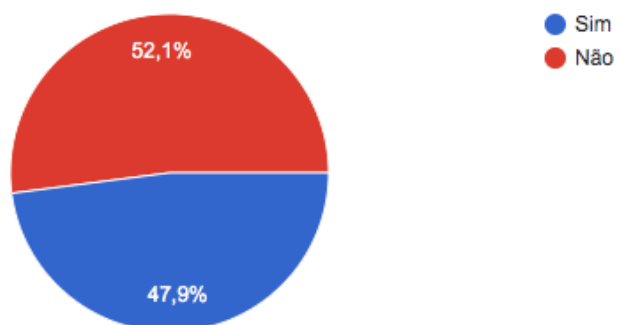
JOGADORA FAZ CESTA INACREDITÁVEL E LAS VEGAS ESTÁ NA SEMIFINAL DA *WNBA*



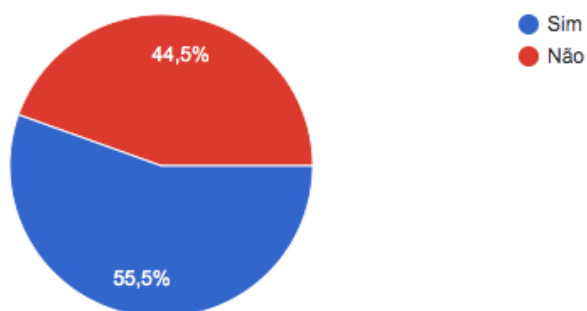
**Messi x Cristiano Ronaldo x Van Dijk:
por que cada um dos finalistas
merece ser eleito o melhor do mundo**



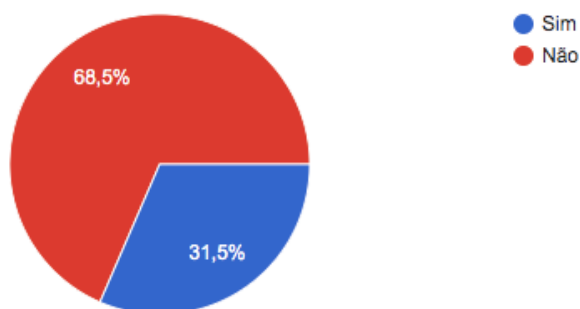
**RAPINOE, LUCY BRONZE E ALEX MORGAN CONCORREM A
MELHOR JOGADORA DO MUNDO**



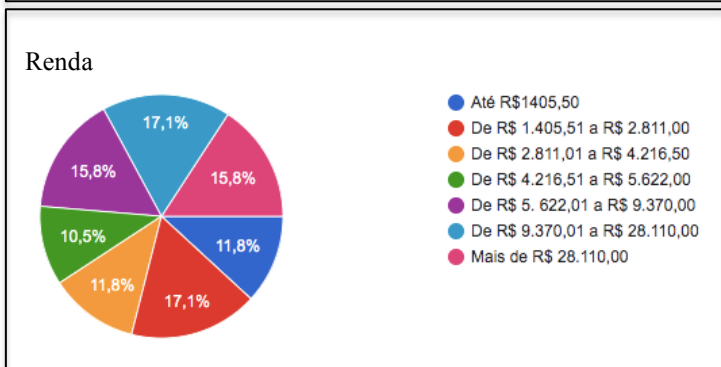
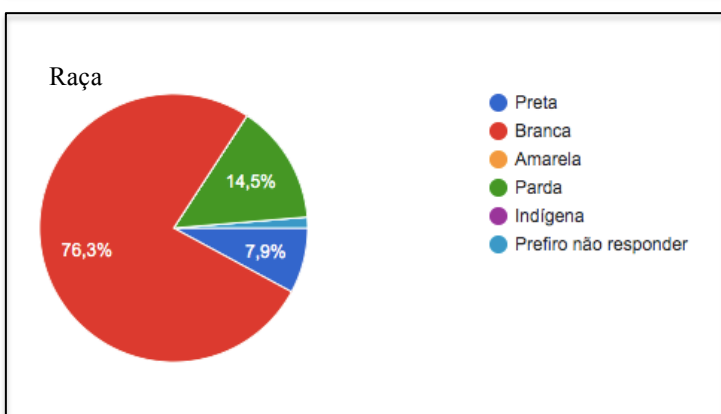
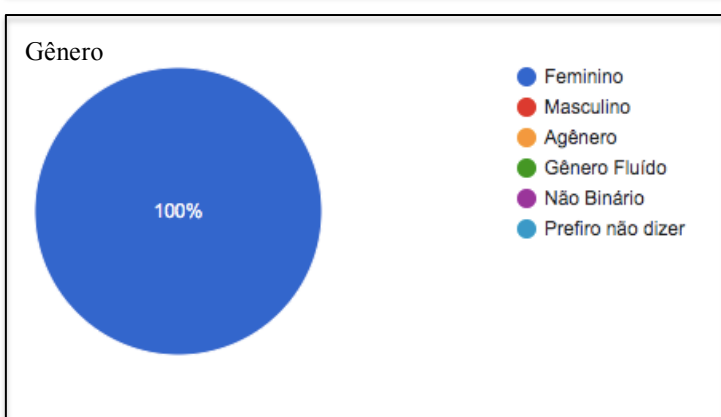
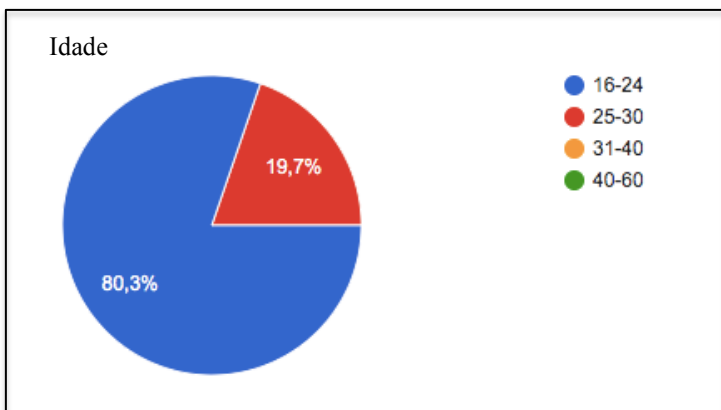
Tite convoca Gabigol, Rodrigo Caio e Santos para amistosos da Seleção contra Senegal e Nigéria



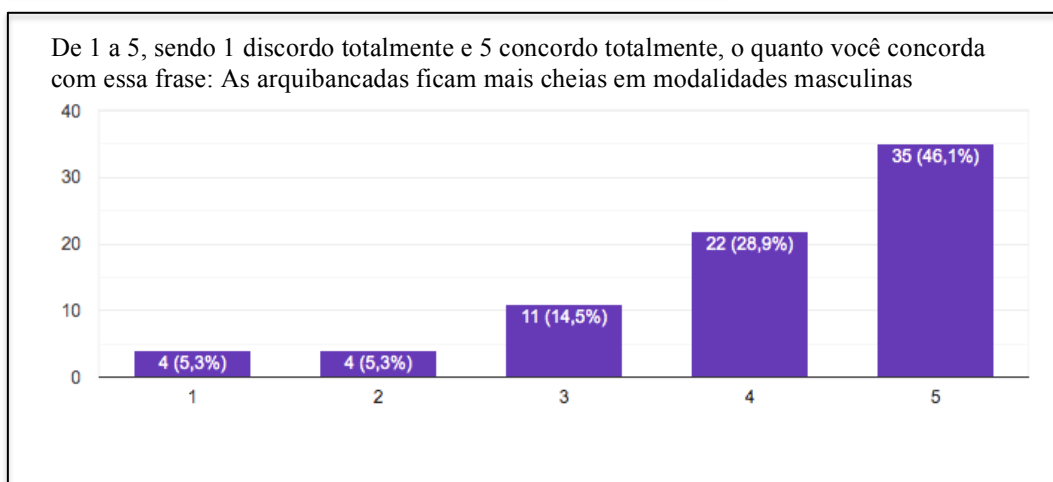
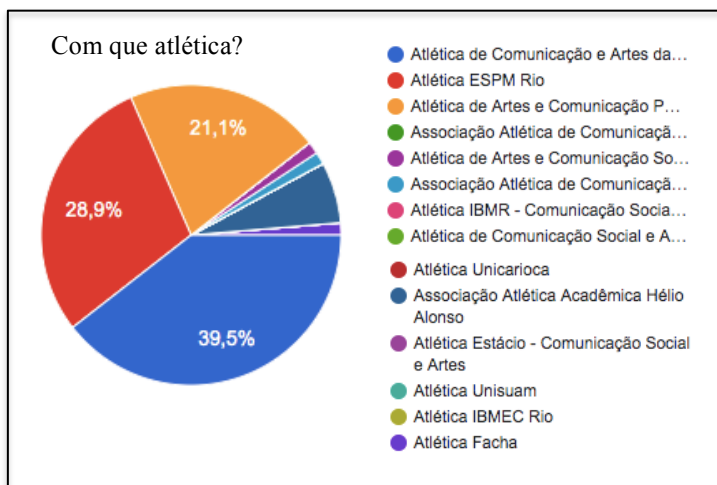
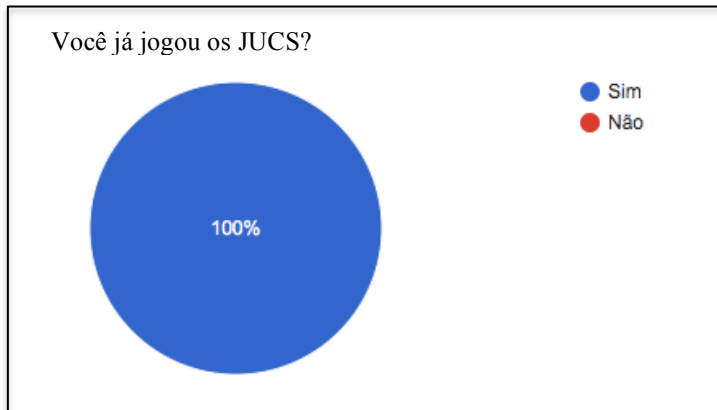
Pia Sundhage convoca seleção feminina com Marta na lista e outras quatro novidades



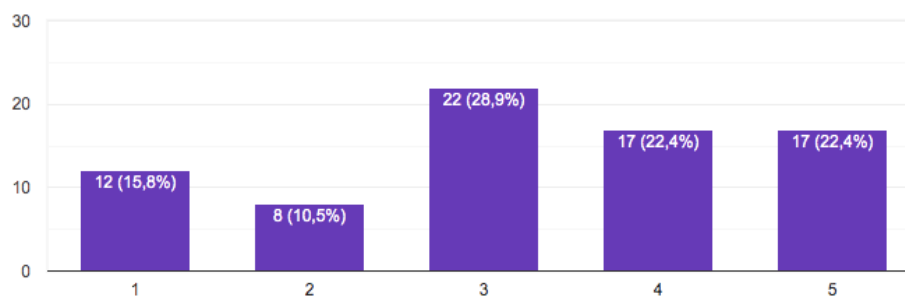
7.4. APÊNDICE D: Perfil Demográfico pesquisa com as atletas dos JUCS



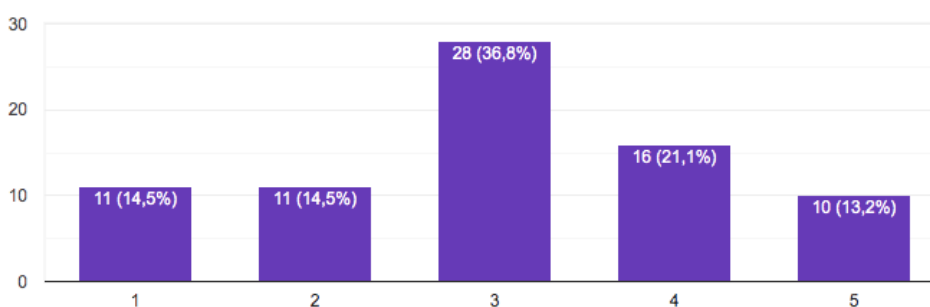
7.5. APÊNDICE E: Pesquisa com as atletas dos JUCS



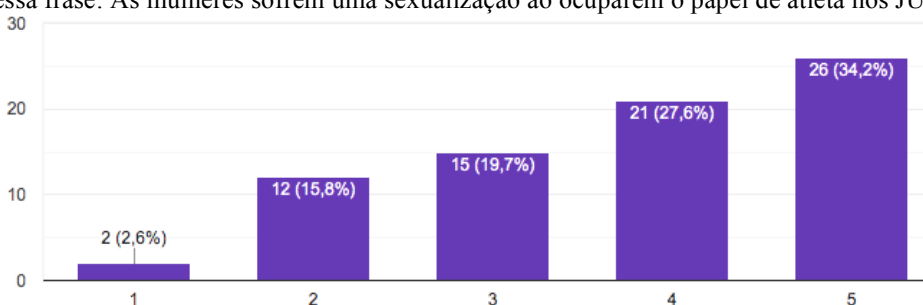
De 1 a 5, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente, o quanto você concorda com essa frase: As atléticas priorizam mais as modalidades masculinas



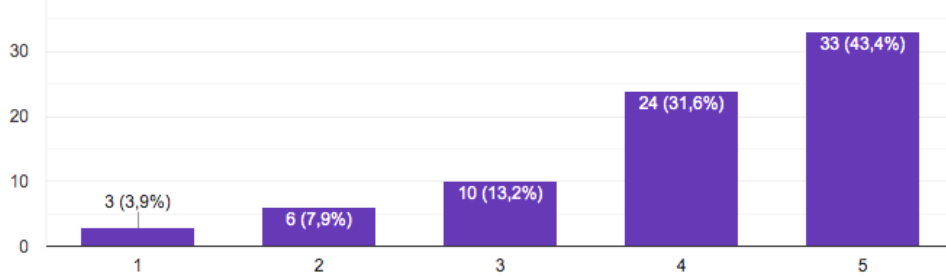
De 1 a 5, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente, o quanto você concorda com essa frase: As modalidades femininas estão menos representadas nos materiais do audiovisual das atléticas e da empresa responsável pelo evento (fotos e vídeos no pré, durante e pós-jogos)



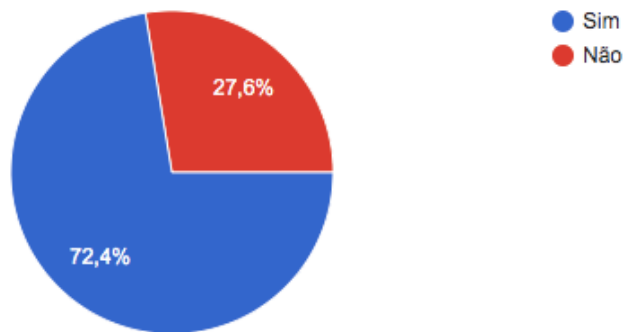
De 1 a 5, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente, o quanto você concorda com essa frase: As mulheres sofrem uma sexualização ao ocuparem o papel de atleta nos JUCS



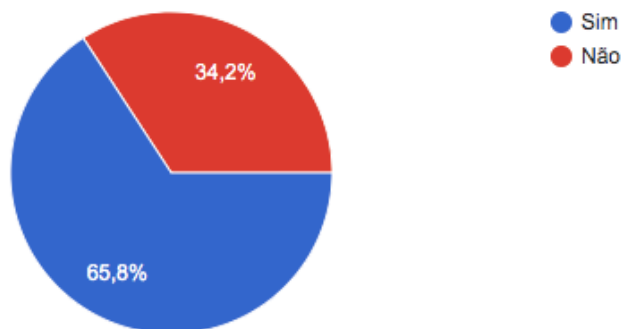
De 1 a 5, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente, o quanto você concorda com essa frase: Essa sexualização tem mais a ver com o formato do corpo e a roupa utilizada do que com a habilidade esportiva da atleta



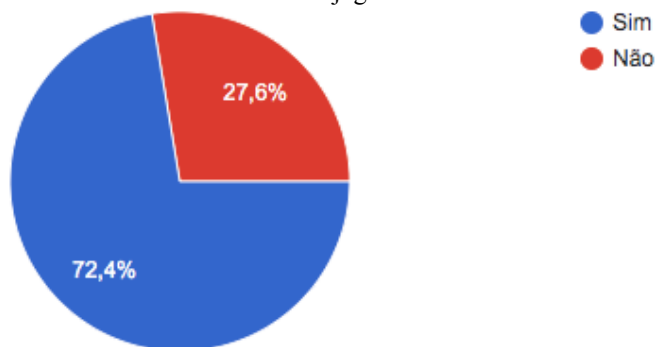
Você já ouviu xingamentos com conotações sexuais direcionados às atletas durante os JUCS?



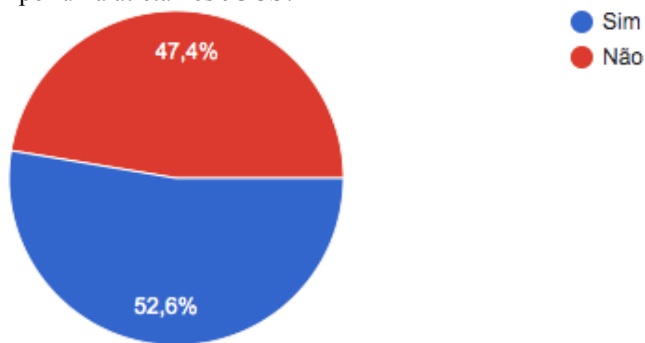
Você já ouviu ofensas que diminuam as atletas mulheres perante aos homens nos JUCS? (“Jogos masculinos são mais disputados”; “Mulher não joga nada”; “Vai aprender com homem”...)



Alguma mulher da sua atléctica já sofreu algum tipo de assédio (físico ou verbal) de torcedores, árbitros e/ou treinadores durante treino ou jogo?



Você já presenciou alguma atitude machista sofrida por uma atleta nos JUCS?



7.6. APÊNDICE F: Relatos de machismo nos JUCS

“O antigo técnico do meu time falou que uma das meninas era ‘gostosinha, mas burra pra cacete’”

“Meninos da torcida adversária gritaram músicas obscenas atrás do banco de reservas do meu time e depois disseram que era brincadeira.”

“Chamaram as atletas de piranha ou de travesti pejorativamente. Isso sem contar os casos de assédio verbal e de já ter ouvido homens dizendo que assistir jogos do feminino “não dá”, rebaixando as atletas.”

“Final do vôlei feminino no JUCS 2019 entre UFRJ e PUC-Rio: as meninas da UFRJ sofreram ofensas por parte da torcida da PUC, sendo xingadas de vagabundas, putas e outros xingamentos similares.”

“Gritos extremamente machistas na arquibancada diretamente direcionado às minhas companheiras de vôlei no JUCS 2019”

“Sempre escuto frases sexuais e acho importante destacar que, muitas vezes, é considerado que o nível esportivo é menor quando trata-se de mulheres em quadra”

“Já ouvi ‘muito bonitinha pra ficar chutando bola’”

“Já fui chamada de ‘piranha’ a ‘gostosa’, passando por ‘sapatão’ e ‘homenzinho’”

“Xingamentos de ‘piranha’, ‘gorda’, etc”

“Enquanto em quadra, já ouvi muito homens de outras atléticas falando besteira. Até depois de jogo, quando eles passam por nós.”

“Não foi em relação a uma atleta, mas um juiz mencionou que o jogo de futsal masculino estava parecendo jogo de futsal feminino, se referindo a estar muito chato, lento, ruim...”

“Falaram que meu esporte ia ser chato porque era feminino”

“Já escutei as torcidas da IBMEC e ESPM chamarem as adversárias em quadra, principalmente, de gorda. Tanto homens chamando quanto mulheres. Já escutei homens ridicularizarem mulheres, falando que o short delas estava sujo e sugerindo que era algo relacionado a menstruação. Já vi técnico da PUC-Rio chamar atleta de fraca e atleta sair de quadra berrando e falando o quanto ele era louco no JUCS 2017.”

“Chamar de piranha, puta, falar que vai comer a menina de todas as formas possíveis”

“As meninas do vôlei estavam aquecendo e um torcedor homem que estava fora de quadra ficou falando do uniforme delas (short curto e colado) e gritando coisas do tipo ‘gostasas’”

“Em 2017, uma mulher da gestão da atlética ESPM levou um tapa na cara de um jogador da FACHA durante o jogo de futsal masculino disputado por essas mesmas faculdades. Nada foi feito, o jogador não foi expulso do jogo e, quando foram à delegacia, todos mentiram dizendo que nada tinha acontecido. Nunca mais foi falado sobre a agressão e o JUCS não tomou nenhum posicionamento sobre.”

“Constante desvalorização das disputas femininas”

“Um técnico dizendo que ia colocar a menina em quadra por causa da bunda dela. Meninos rindo muito do basquete feminino (entre outras modalidades).”

“Tivemos problemas de assédio com nosso antigo treinador. Já vi diversas vezes o comentário ‘o nível é mais baixo em jogo feminino’ e xingamentos como ‘puta’ ou difamando a imagem das atletas.”

“Torcedores da torcida rival assediando as atletas”

“Torcida contrária gritando xingamentos ofensivos e machistas. Não só homens como até mulheres xingam.”

“Um segurança no JUCS de 2018 se recusou a separar uma briga entre mulheres no ginásio, porque dava mais audiência e ainda disse que “tinha que ser mulher pra brigar assim”. Sobre o material de redes sociais, a atlética tem fotos de mulheres atletas, incentiva bastante tanto as atletas como as outras da delegação. Mas, nos materiais da empresa organizadora, vejo majoritariamente homens estampando campanhas e aparecendo nos materiais. Eu, como mulher e atleta, sempre fico buscando imagens dos meus jogos e nunca apareceu nada, nem mesmo quando o meu time ficou em 1º lugar. Não teve 1 segundo sequer com imagens dos jogos.”

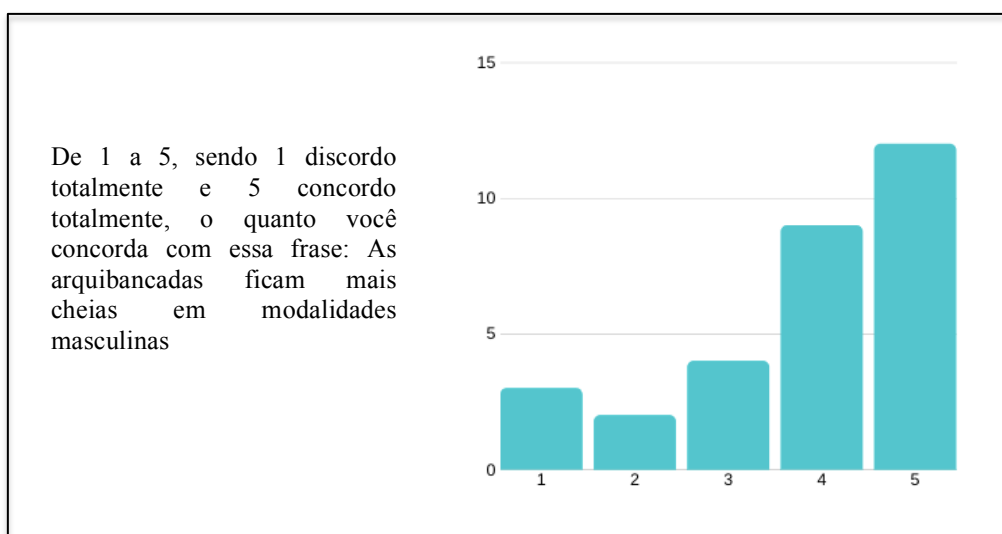
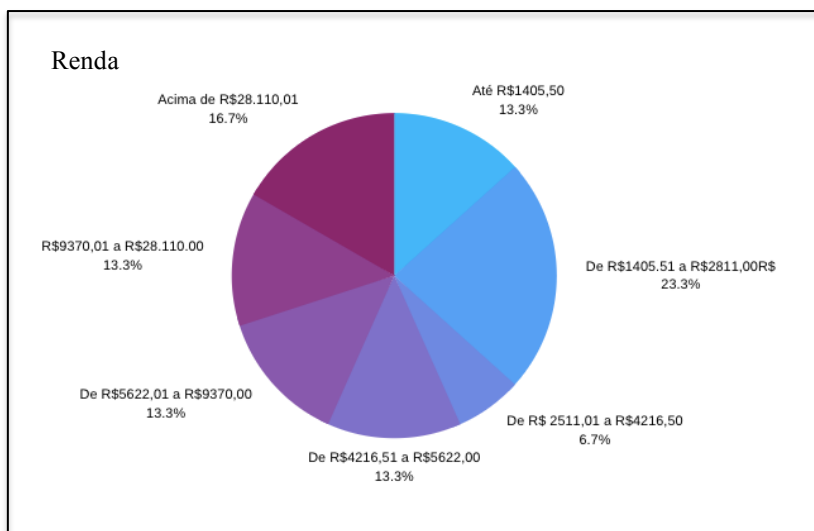
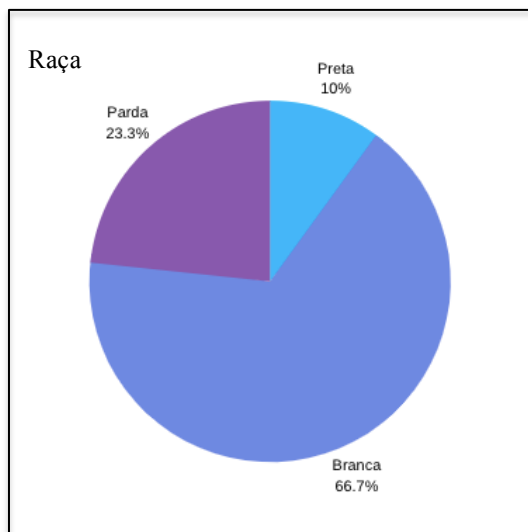
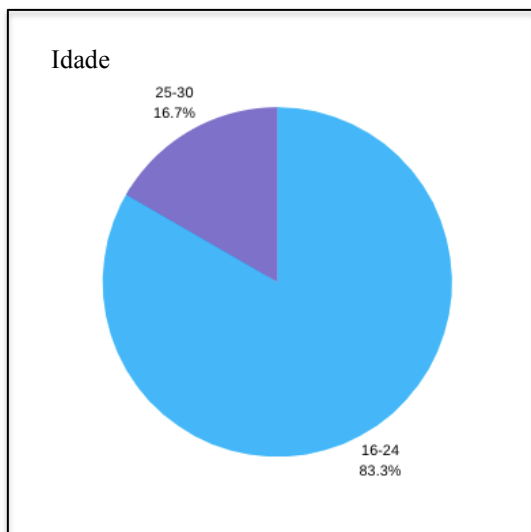
“Tal pessoa não é boa na posição mas é uma gracinha/gostosinha”

“Comparações entre jogadoras de modalidades femininas com atletas homens referência dessas mesmas modalidades”

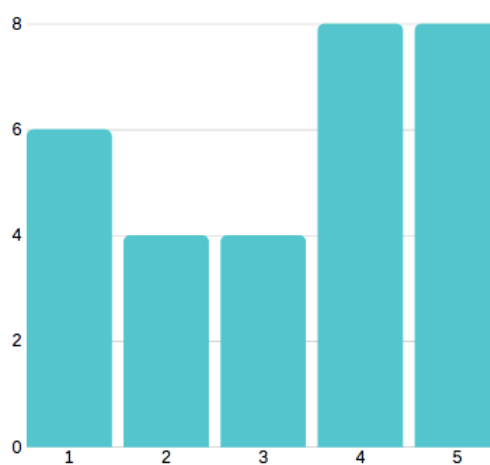
“Xingamentos e ofensas às atletas em quadra”

“No primeiro JUCS que fui, em 2015, um torcedor da Veiga (parece que era da engenharia) falou que ia comer meu cu "todinho". A gente não sabe quem ele é, ou se faria ou não. O fato é que não afetou só o meu lado jogadora e me deixou com medo enquanto mulher. Além de ficar puta por ele achar que tinha o direito de falar esse tipo de coisa pra alguém.”

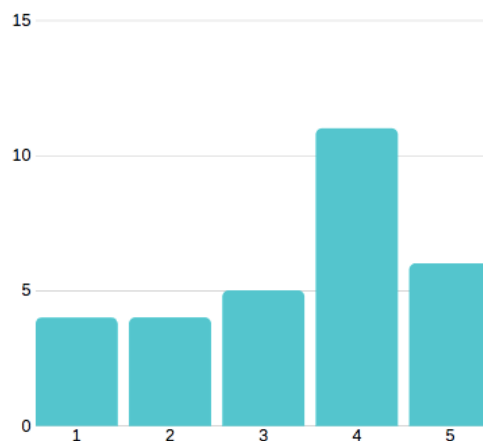
7.7 APÊNDICE G: Um estudo sobre a Atlética de Comunicação e Artes da UFRJ



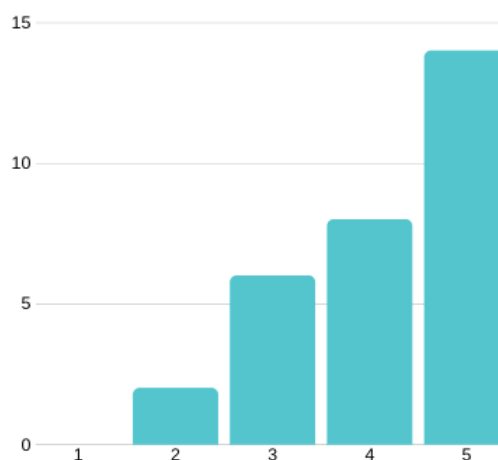
De 1 a 5, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente, o quanto você concorda com essa frase: As atléticas priorizam mais as modalidades masculinas



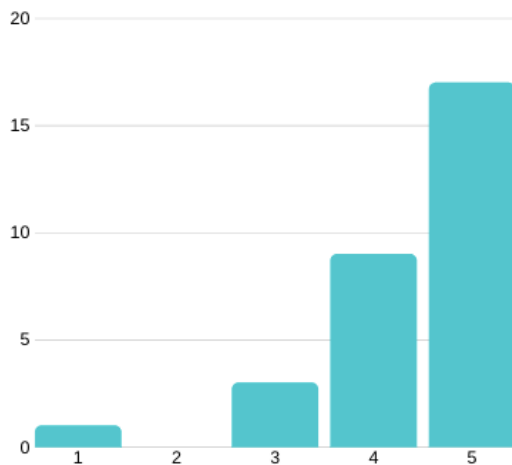
De 1 a 5, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente, o quanto você concorda com essa frase: As modalidades femininas estão menos representadas nos materiais do audiovisual das atléticas e da empresa responsável pelo evento (fotos e vídeos no pré, durante e pós-jogos)



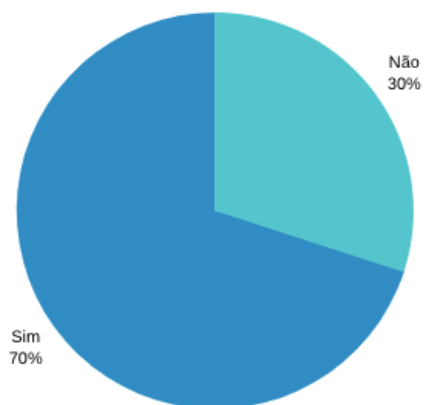
De 1 a 5, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente, o quanto você concorda com essa frase: As mulheres sofrem uma sexualização ao ocuparem o papel de atleta nos JUCS



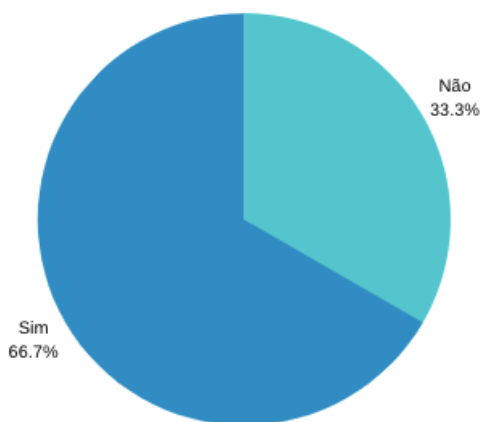
De 1 a 5, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente, o quanto você concorda com essa frase: Essa sexualização tem mais a ver com o formato do corpo e a roupa utilizada do que com a habilidade esportiva da atleta



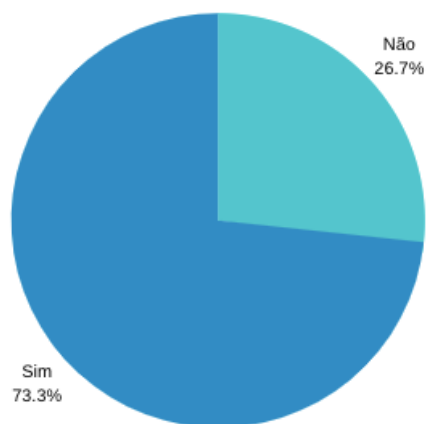
Você já ouviu xingamentos com conotações sexuais direcionados às atletas durante os JUCS?



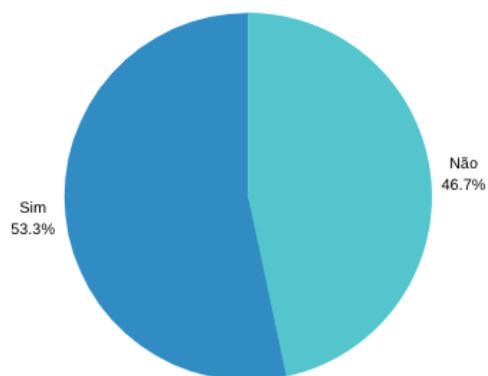
Você já ouviu ofensas que diminuíram as atletas mulheres perante aos homens nos JUCS? (“Jogos masculinos são mais disputados”; “Mulher não joga nada”; “Vai aprender com homem”...)



Alguma mulher da sua
atletica já sofreu algum
tipo de assédio (físico ou
verbal) de torcedores,
árbitros e/ou treinadores
durante treino ou jogo?



Você já presenciou alguma
atitude machista sofrida por
uma atleta nos JUCS?



8. ANEXOS:

8.1. ANEXO A

globo.com — Privado

 **Botafogo avalia três nomes para substituir Eduardo Barroca**

- Torcedores do Bota cercam familiares de Marcão após jogo

Avai vê erro no uso do VAR e tentará anular partida contra o CSA

- Federação de SC faz críticas ao VAR e fala em 'fortes agressões'

 **Michel Bastos deixa o futebol após fazer só 1 jogo no América-MG**

Segunda-feira
7 de outubro de 2019

globo.com — Privado

 **Vitória vence o Oeste e sai do Z-4 da Série B**

- Ponte derrota o Londrina
- Atlético-GO e Cuiabá empatam
- Criciúma e Brasil-RS igualam

América bate líder Bragantino e vira G-4

- Paraná vence e encosta no G-4
- Coritiba bate Guarani e vai a 6º

 **Neymar chega a 100 jogos na Seleção; faça quiz sobre o craque**

Terça-feira
8 de outubro de 2019

globo.com — Privado

 **Ney ganha camisa 100 e se diz feliz no PSG após 'vontade de sair'**

- Messi temeu ver Ney no Real

 **'Extra': Fla já tem sinalização da Inter para venda de Gabigol**

- Tite tranquiliza Gabigol
- Pablo Marí: 'Mister mudou a minha vida em três meses'

'Cartola': Cebolinha e T. Neves entre baixas

Quarta-feira
9 de outubro de 2019

globo.com — Privado

 **Brasil fica no 1-1 com Senegal no 3º jogo seguido sem vitória**

- 'Medíocre', 'sono'...veja reações
- Ney vai mal no jogo 100; notas

Luiz A. não tem data para volta no Verdão

- Só GE exhibe Timão x Furacão

 **Mundial: Flavinha fica a 7 décimos do pódio; Biles reina e é penta**

Quinta-feira
10 de outubro de 2019

globo.com — Privado

 **Jesus mantém cautela sobre título, mas se diz 'orgulhoso' do Fla**

- 'Tiro na mosca' com reforços
- Chance de título chega a 85%

Irregularidades abre disputa no Palmeiras

- Renê Júnior recusou ofertas

 **SIGA CT: Ítalo encara local francês na decisão em Hossegor**

Sexta-feira
11 de outubro de 2019

globo.com — Privado

 **Jesus retorna à Arena da Baixada e tenta dar troco no Furacão**

- Técnico checava bebida por 'bom dia', conta ex-jogador

Palmeiras campeão? N° indica chances

- Seleção: Verdão prejudicado

 **Tite explica saída de Coutinho e comenta jejum de vitórias**

Sábado
12 de outubro de 2019

globo.com — Privado

 **Brasil empata com a Nigéria e chega a 4 partidas sem vitória**

- Tite lamenta, mas elogia 2º tempo e Lodi: 'Jogou muito'
- Lodi e Casemiro jogam bem; T. Silva e Marquinhos vão mal

Belarus x Holanda pelas eliminatórias da Eurocopa; SIGA AQUI

 **Nory chora muito ao conquistar ouro no Mundial de Ginástica**

- Assista à apresentação de Nory
- Biles já é maior da história

Domingo
13 de outubro de 2019

globo.com — Privado

 **Ralf transfere idoso atropelado a hospital particular e faz visita**

- Carille vive pressão no Timão

Gabigol e Rodrigo Caio chegam a Fortaleza e reforçam o Flamengo

 **Sport bate Cuiabá e se isola na vice-liderança**

- Atlético-GO e Ponte empatam
- Botafogo-SP derrota Guarani

Segunda-feira
14 de outubro de 2019

globo.com — Privado



T. Neves revela choro, fala de Ceni e diz usar remédios para dormir

- Clube sofre bloqueio de contas

Líder Bragantino abre placar sobre Oeste na Série B; acompanhe

- LANCES: São Bento 0-2 Coritiba



América-MG derrota o Vila Nova e segue na cola do G-4 na Série B

Terça-feira
15 de outubro de 2019

AA globo.com

globo.com

g1 ge gshow tech videos

Jesus cita desfalques, mas celebra vitória: 'Estrela de campeão'

- Felipe Alves critica arbitragem: 'Age contra equipe do nordeste'
- Confira a tabela de jogos e a classificação atualizada do Brasileirão



Timão arranca empate com o Goiás no final



Vasco derrota o Botafogo e fica mais longe do Z-4



Palmeiras bate a Chape com gol aos 54 do 2ºt

Cruzeiro vence o São Paulo após 8 jogos sem vitória

Bahia marca de pênalti no fim e bate o Grêmio

Atlético-MG vira, mas CSA busca empate em AL

Quarta-feira
16 de outubro de 2019

8.2. ANEXO B





